ILUSTRAÇÃO

2.º ANO
NUMERO 25

Lisboa 1 de Janeiro de 1927

PREÇO
4$00

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

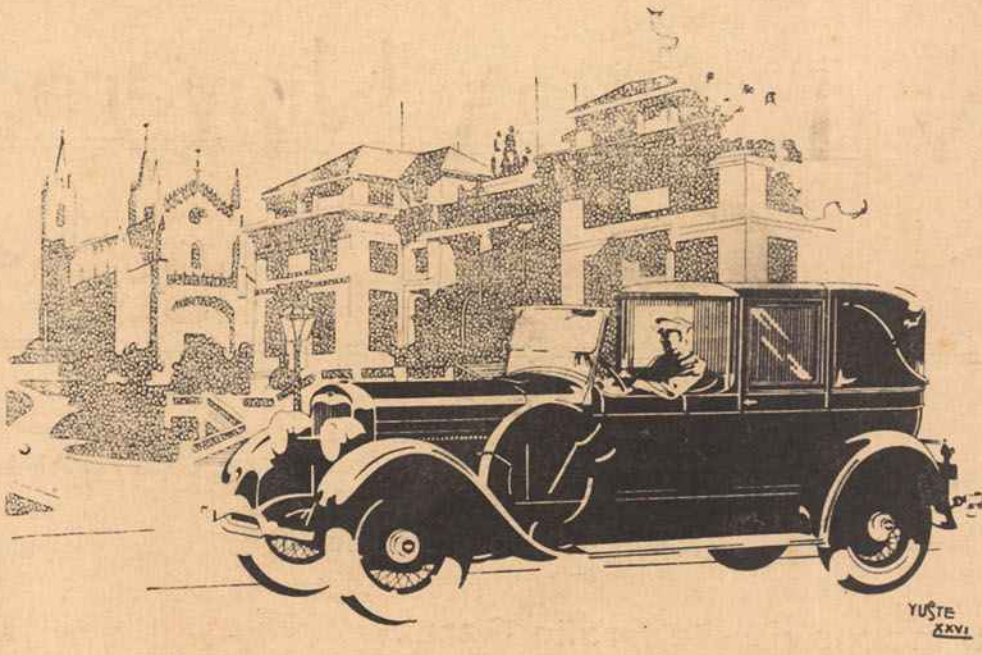
VERAMON

Se sofre de dôres é porque o quer.

Tomando um ou dois comprimidos de VERAMON-SCHERING desaparecerão rapidamente suas dôres da cabeça, dos dentes assim como os incomodos da menstruação. O Veramon não produz sôno, nem ataca o coracão. Aceite só o empacotamento original: tubos de 10 e 20 compr. de 0,4 gr.

SCHERING · SCHERING

Chemische Fabrik auf Actien (vorm. E. SCHERING.), Berlin N. 39



Da mesma maneira que, ao visitar uma grande cidade, o vosso gôsto artístico vos levará a conhecer as maravilhas que encerram os seus Museus, assim mostrareis a vossa admiração ao conhecer o luxuoso «LINCOLN», o automóvel dos elegantes.

Quando se pretende comprar um automóvel luxuoso e do melhor fabrico, pensa-se exclusivamente no

LINCOLN

Novo Atlas Universal

DE

Geografia e Historia

POR

J. MONTEIRO e L. SCHWALBACH

(Nova edição actualisada)

16 mapas de Geografia Geral.
27 mapas relativos a Portugal e suas colonias.
34 mapas de geografia particular dos Estados.
4 mapas de geografia economica.
36 mapas de Historia Universal.
14 mapas da Historia de Portugal.

No total de 131 mapas diferentes explendidamente gravados e coloridos

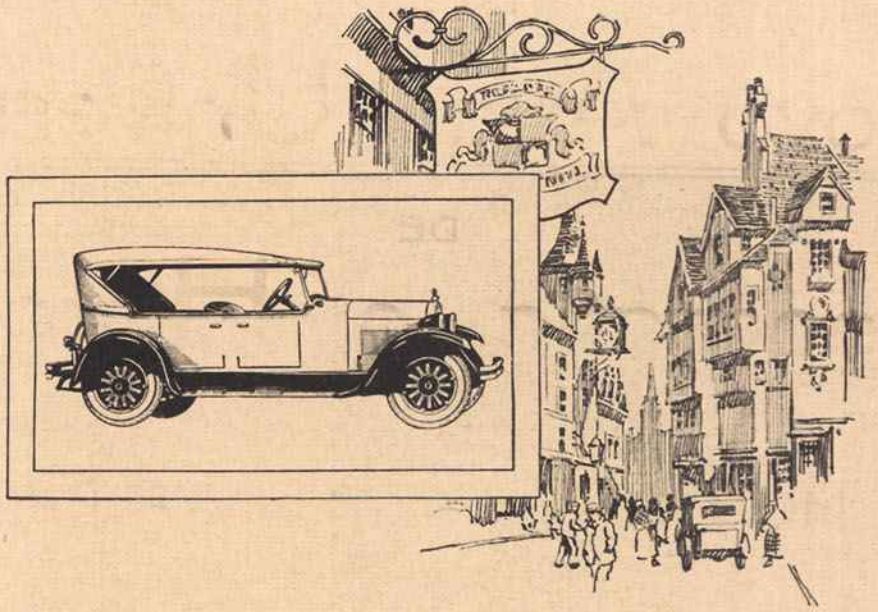
Um volume encadernado . 50$00

O mais barato e o mais completo de todos os ATLAS escolares nacionais e estrangeiros

. . . . . .

PEDIDOS AOS EDITORES:

Livrarias Aillaud e Bertrand
73, Rua Garrett, 75—LISBOA



Um Bom Nome

—*é bem inestimavel*. . para ser guardado com ciume.

Com quanto possam ser reproduzidas com enorme dispendio as enormes fábricas em que são feitos veiculos Dodge Brothers, é bem sabido que o nome e a fama de DODGE BROTHERS teem muito mais valor

Por 12 anos teem DODGE BROTHERS mantido inalteravelmente a sua fé e teem sido galardoados com a confiança pública. Em resultado disso, há agora mais de 1:600.000 autómoveis Dodge Brothers em serviço.

Anos após ano tem o automóvel Dodge Brothers continuaudo a aparecer cada vez melhor e mais digno de apreço.

A sua beleza está a par do seu perfeito desempenho; a comodidade e o silêncio enaltecem-lhe a beleza. A primorosa qualidade de todas as suas partes tem sido mantida ou melhorada.

De tudo isto resulta um nome que é digno da confiança pública que inspira, muito precioso para ser prejudicado.

BERNARDINO CORRÊA, LTD.

LISBOA — 1, Avenida da Liberdade

PORTO — 31, Avenida dos Aliados

AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

NOVIDADES LITERARIAS
Novos livros para Creanças

Biblioteca Infantil

. . . .

Acabam de publicar-se
e já estão á venda

O que Canta o Pintassilgo

(SERIE B — N.º 4)

Jane Bensaude
e Agostinho de Campos
ESCREVERAM

Raquel Roque Gameiro Ottolini
e Emmerico Nunes
ILUSTRARAM

O Romance das Ilhas Encantadas

(SERIE C — N.º 3)

JAYME CORTESÃO
ESCREVEU

ROQUE GAMEIRO
ILUSTROU

Cada volume brochado . . 6$00
Encadernado . . . . . 10$00

. . . .

Pedidos aos Editores:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

NÃO DEIXEM DE LÊR O

Magazine BERTRAND

LEITURA PARA TODOS

a aparecer em Janeiro de 1927, editado pelas

Livrarias Aillaud e Bertrand — 73, R. Garrett, 75 — LISBOA

BANCO DE PORTUGAL

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL: 13:500.000$00

SÉDE — Rua do Comércio, 148 — LISBOA

CAIXA FILIAL no PORTO

Agências em todas as capitais dos distritos administrativos do Continente e Ilhas dos Açôres e Madeira, na Covilhã, Figueira da Foz, Guimarães, Lamêgo e Setúbal, e Correspondências privativas em Elvas, Extremoz, Loulé, Moura, Olhão, Portimão e Vila Real de Santo António

Correspondentes nas principais terras do País e mais importantes praças do Entrangeiro

OPERAÇÕES. — Descontos, transferências, empréstimos e créditos em conta corrente, compra e venda de cambiais, cartas de crédito sôbre praças estrangeiras, depósitos de dinheiros e valôres e todas as transacções que pela natureza especial da sua instituição lhe são permitidas.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

AVISO AO PÚBLICO

Novo regime tarifário de grande e pequena velocidade

De harmonia com o Decreto n.º 12.803 de 7 do corrente, **a partir de 1 de Janeiro de 1927** entra em aplicação nas linhas exploradas por esta Companhia a **nova tarifa geral** para transportes em grande e pequena velocidade, em cujos preços se acham já compreendidos todos os actuais impostos o que anula e substitui a tarifa geral em vigor desde 26 de Fevereiro de 1923.

Até aviso em contrário, continúa temporàriamente em vigôr o seu alteração todo o restante regime tarifário actual.

Fica modificado, somente no que respeita á tarifa geral, o Aviso ao Público A n.º 54 desta Companhia, datado de 21 de Fevereiro de 1923.

N. B. — O público poderá consultar e obter por compra nas estações desta Companhia a nova tarifa.

Lisboa, 23 de Dezembro de 1926.

O Director Geral da Companhia — *Ferreira de Mesquita*

Grip-fix

A COLA IDEAL

ACEIO — ECONOMIA — RAPIDEZ

Não se entorna, colando imediatamente após a sua aplicação Preço 10$00

Únicos representantes para Portugal e Colónias:

AILLAUD, LIMITADA

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

O Magazine Bertrand

Encontra-se já á venda em todas as livrarias, tabacarias e em casa de todos os agentes e correspondentes.

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

ACABA DE APARECER

e encontra-se á venda em todas as livrarias

AVTO

DOS PASTORES BRVTOS

para ſe repreſẽtar nas Matinas do Natal.

Eſcreveu-o

SANT'IAGO PREZADO

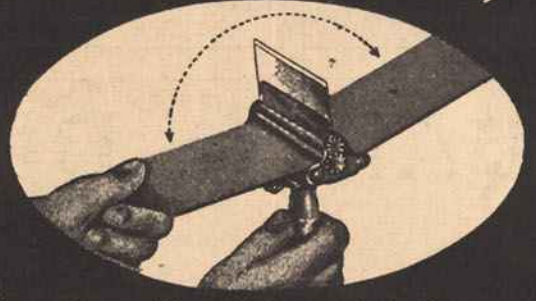
LISBOA: Ano de 1926

Ao sabor dos velhos autos vicentinos, numa linda edição imitando os antigos «folhetos de cordel,» com gravuras em madeira abertas por João Carlos e músicas tradicionais para canto e piano.

PREÇO: 6$00

A' venda em todas as livrarias

Máquina de barbear "VALET" AutoStrop



Economisa continuas despezas de laminas novas

PRINCIPAIS VANTAGENS

1.º Dispositivo suavisador que permite dar á lamina em dez segundos um fio finissimo sem haver necessidade de retirar a lamina da maquina e sem necessitar de nenhum aparelho especial e custoso.

2.º Graças á qualidade do aço as laminas podem servir 50 vezes ou mais, economisando continuas despezas de laminas novas.

3.º A limpeza é extremamente facil, não havendo necessidade de retirar a lamina nem de desaparafusar ou desmontar nenhuma peça.

Agencia: Lachaud, 44 Rua dos Fanqueiros Lisboa

MATERIAL ESCOLAR

Fornecemos ao preço dos fabricantes tôda a qualidade de material em grandes e pequenas quantidades, tais como: Estojos para desenho, réguas, quadros, esquadros, pedras, quadros em pedra, canetas, lápis, tinta, borrachas, etc., etc. Os pedidos dêste material para fora do Continente Português devem vir sempre acompanhados da respectiva importância

Glôbos Geográficos — *Glôbo Celeste*, montado sôbre pé de bronze, Escudos 170$00. *Glôbos Terrestres*, Idem, 0m,45 diâmetro, Esc. 230$00 — 0m,33 diâmetro, Esc. 170$00 — 0m,16 diâmetro, Esc. 45$00 — 0m,08 diâmetro, Esc. 20$00. *Glôbos Terrestres*, (com meridiano), montados sôbre pé de bronze, 0m,33 diâmetro, Esc. 230$00

Mapas Parietais — Das cinco partes do mundo, por *J. Monteiro*, em fôlhas de 1m,35 × 1m,10

Europa — Africa — América do Norte — América do Sul — Oceania — Mapa Mundi

Cada mapa em fôlhas 15$00

. . ..

Pedidos às Livrarias

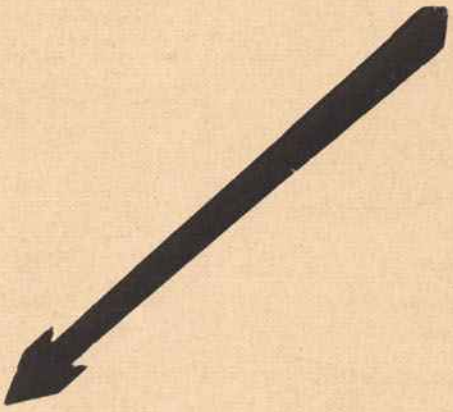
AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Andam Faunos Pelos Bosques

POR

AQUILINO RIBEIRO



O maior exito literario dos ULTIMOS TEMPOS

PETROLEO M. d. F.

PETROLE HAHN POUR LES CHEVEUX

HAHN

PARA O CABELO

Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabelleira

FRASCO GRANDE 2$500 FRASCO PEQUENO 1$500

VENDA POR GROSSO

Agentes depositarios: J. DELIGANT, L.da

15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA

A PHOSPHATINE FALIÈRES

misturada com o leite é o alimento o mais agradavel e o mais recommendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablactação e durante o periodo da crescidão.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & Cie), 6, Rue de la Tacherie, PARIS

Instrumentos Cirurgicos

Aparelho de Pneumothorax do Dr. Saavedra

Microscopios e Trichmoscopios

REICHERT

ESTABELECIMENTOS

ALVARO CAMPOS

LARGO DO CHIADO, 12, 1.º

TELEFONE: 1017 C. TELEGRAMAS: "ALCALI"

Aparelhos de Electricidade Medica — Sóros Maragliano e de Jausset — Vacinas Mulford

Aparelhos de Laboratorio

PRODUCTOS FARMACEUTICOS

Edições da Biblioteca Nacional

Anais das Bibliotecas e Arquivos. Revista trimestral. 3 vols., 12 n.os Número avulso N.os 1 e 3 (Esgotados)..... 1$00

Guia de Portugal, 1.º vol. sob a direcção de Raul Proença..... 5$00

Antologia dos Economistas Portugueses. Seculo XVII. Obras em portuguès. Selecção, prefácio e notas por Antonio Sérgio..... 15$00

Bosquejo da historia de Portugal, por Antonio Sérgio..... 2$00

Guia de Evora e seus arredores, sob a direcção de Raul Proença..... 2$50

Tiragem especial..... 10$00

Bibliografia das bibliografias portuguesas, por Antonio Anselmo..... 7$50

Dispersos, de Oliveira Martins. 2 vols., coordenado e prefaciado por Antonio Sérgio..... 20$00

Tiragem especial..... 80$00

Recreação Periodica, pelo *Cavaleiro de Oliveira*. Pref. e trad. de Aquilino Ribeiro. 2 volumes..... 10$00

Tiragem especial..... 30$00

Marco Paulo. Reimpressão da edição de *Valentim Fernandes*, por Esteves Pereira..... 8$00

Tiragem especial..... 18$00

Processo dos Tavoras, publicado sob a direcção de Pedro de Azevedo..... 7$50

Catalogo ideografico. Sub-rubricas geraes..... 1$20

Instrucções relativas á aquisição de verbetes da Biblioteca Nacional (Esgotado)

Luziadas. Edição fac-simile da 1.ª edição do poema, com aparato critico de José Maria Rodrigues..... 8$00

Tiragem especial (Esgotada).....

O papel como elemento de identificação, por Arnaldo Faria de Ataide e Melo..... 5$00

Os Codices Alcobacenses da Biblioteca Nacional, por Antonio Anselmo..... 5$00

Grande Novidade em Perfumaria

"VELOUTY DIXOR"

21, Rue Faidherbe — PARIS

Substitue o CRÊME e o PÓ D'ARROZ SEM MANCHAR os vestidos. Lava-se com agua ordinaria. Existe em tres côres: BRANCO, NATURAL e MARFIM.

Nenhum produto o póde egualar para a BELEZA do ROSTO, das MAOS, dos BRAÇOS e do DECOTE.

Leia-se bem! NÃO MANCHA A ROUPA e para proval-o «envia-se uma amostra gratuita e um prospecto elucidativo a quem o requisitar indicando o nome desta revista aos agentes

JULES DELIGANT, L.da — 15, Rua dos Sapateiros-LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA EMPRÊSA
DO ANUÁRIO COMERCIAL
P. dos Restauradores, 24-Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:
AILLAUD, L.DA
R. Anchieta, 25 — Lisboa

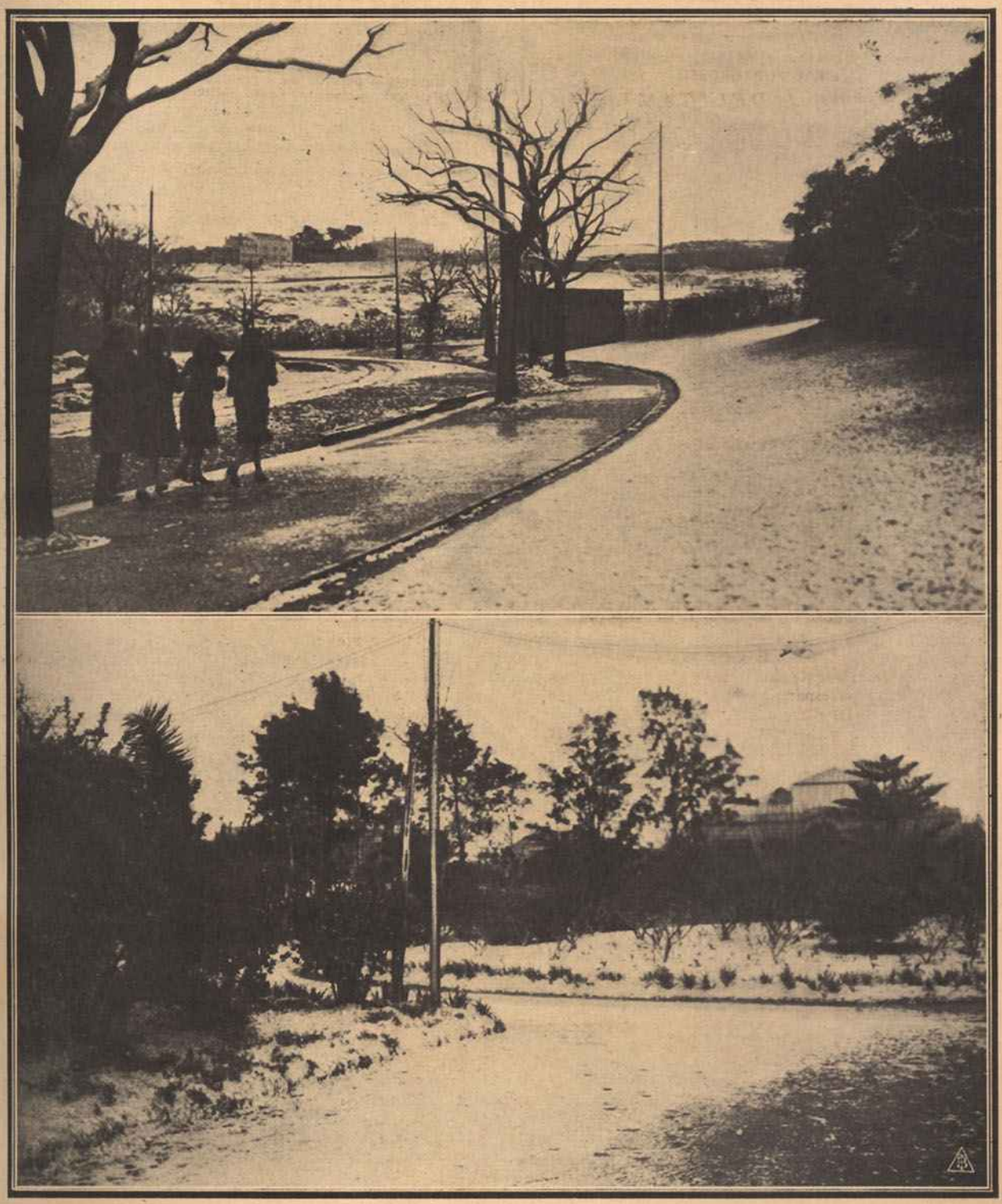
DIRECTOR:
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR TÉCNICO:
FELICIANO SANTOS

ANO 2.º — NÚMERO 25

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

1 DE JANEIRO DE 1927



NEVE EM LISBOA — *Aspectos da Praça Marquês de Pombal e do Campo Grande sob o nevão que, estranhamente, cobriu a cidade*

CRÓNICA DA QUINZENA

O GRÃO DE AREIA

Nunca a alegoria da ampulheta, que o simbolismo dos antigos colocou nas mãos do Tempo, encontra melhor aplicação que nesta passagem dum ano a outro, insensível deslisar dum imperceptível grão de areia, que nada distingue dos outros grãos de areia que a ampulheta vai distilando, lenta, suavemente isócrona e perfeita.

Um grão que se despenha do montinho de areia que se acumula na parte superior da ampulheta é um ano que passa e para que nos apercebamos dessa acção mecânica insignificante é necessário que sejamos infinitamente mais pequenos que o grão de areia que se solta, em silêncio e molemente, da ampulheta da Eternidade.

O que é para nós motivo de regosijo e de emoção nada conta na perpétua evolução da vida e só um conceito apertado e mesquinho, como o dos homens, se permitiria dividir o tempo desde os segundos aos séculos, só para criar a ilusão duma proporcionalidade em que fica sempre a perder de vista a sua transitória passagem terrena pelas formas imperfeitas, que revestem o género humano.

Como, à sua maneira, se hão de rir de nós as pedras e os metais, vendo-nos afanosamente a contar pelos dedos o tempo que decorre, muito convencidos de que, até que o homem descobriu o calendário, nada havia para trás, quando êles, que assistiram à gestação dolorosa da Terra, que foram fogo e lama ardente, que foram nebulosa esparsa, rodopiando na velocidade do movimento primário, se sentem vivendo ainda o primeiro minuto da sua materialidade!...

O que é um ano mais, um grupo de trezentos e sessenta e cinco vezes que o sol se ergueu e desceu no horizonte? Acaso esta rígida divisão do Tempo nos dá, ao menos, uma visão segura do desenrolar da vida e nos permite localizar rigidamente o antigo e o moderno?

Carlos Magno, concertando com os seus Pares uma tareia nos serracenos, não será uma memória recente, se ao mesmo tempo evocarmos Xenofonte e os dez mil Semiramis, passeando nos jardins suspensos?

Quando, numa caverna, se descobre um crâneo de homem terciário, em que situação de antiguidade fica Tut-Ank-Hamen e o seu túmulo quatro vezes milenário?

Os jornais noticiam, por vezes, um caso de macrobismo, que enche de admiração os leitores: cem anos que a morte veiu surpreender a lareira, ainda a enfiar agulhas sem óculos e a contar histórias do tempo dos franceses. E ninguém se lembra, para temperar a admiração que o facto provoca, que as árvores, que deram sombra à macrobia e a fonte donde ela bebeu tôda a vida, já davam sombra e água muito tempo antes dela nascer e hão de continuar a abrigar-lhe e a dessedentar-lhe a sucessão.

Relativamente tudo é moço e recente ou tudo é velho e antigo. Depende do bom ou do mau humor com que encaramos os factos e depende ainda, principalmente, do conceito que se tem de antiguidade.

Há quem arrume estas preocupações duma forma definitiva, determinando que é antigo tudo o que se passou em determinado ciclo histórico.

Tinha êste critério o cocheiro que uma vez me levou à montanha de Santa Luzia, em Viana do Castelo. Depois de me ter forçado a admirar — tratava-se dum cocheiro cicerone — o Cristo e o hotel, ao tempo fechado, fêz tornejar o carro por uma ladeira em cuja encosta se viam vestígios dum aglomerado de população pré-histórica, desvendado por mãos hábeis de arqueólogo entendido. Estacando a parelha, o cocheiro estendeu o pingalim por sôbre o local, apontando-me pormenores, restos de cabanas ovais e outros pedregulhos. E para que no meu espírito não ficasse subsistindo a suspeita de que aquilo era obra da Câmara Municipal de Viana, o homenzinho esclareceu, com convicção:

— E olhe que isto é tudo antigo... É do tempo dos frades!

*

Só Matusalem pôde gosar o prazer repetido de passar de um século a outro, mas a experiência da sua longa vida certamente lhe evitou entregar-se nessas passagens, ao excesso de regosijo a que nós nos entregamos, simplesmente porque mais um ano findou e outro ano começa. Compreende-se que, ao soar a hora derradeira do ano 1000, a cristandade tivesse soltado em unísono um suspiro de alívio, por se ver livre dos preságios acumulados pela crendice e que deveriam resolver-se em tremendas catástrofes com o findar do primeiro milénio da era cristã.

O que se não entende é que por passarmos a escrever ao alto das cartas 1927, em vez de 1926, os navios ancorados no pôrto se permitam abrir a guela das sereias e nos *restaurants* nocturnos o *champagne* faça ouvir o *bruit bête de nôce de commande*, sem o qual neste país de pouco patriotismo e de bastante vinho do Pôrto, não há festa possível.

Porquê, êste festivo comemorar da passagem de mais um ano, mera verificação do calendário que em nada influe na nossa vida?

Acaso, porque a meia noite de 31 de Dezembro soou no relójio oficial, os doentes melhoram, a infelicidade foge assustada, os negócios modificam-se ou as letras a vencer perdem, com a entrada do novo ano, a noção exacta dos respectivos prasos?

Todo êste ruído em volta da passagem do ano é, afinal, mais uma ilusão que nos criamos ou melhor dizendo, uma embriaguez a frio que provocamos para não ouvirmos a nossa consciência, que nos grita lá do fundo, como a voz de Ioknan subindo dos ergástulos de Makeros, que é em vão que cobrimos de impropérios o ano que findou e que coroamos de esperanças o ano que começa, porque acima da marcha matemática do calendário está a trajectória da nossa vida, que cegamente seguimos e sem nos darmos conta dos factos que a demarcam ao longo da estrada, que ora é ingreme e difícil, como encosta pedregosa, ora é suave e fácil de andar, como prado de relva fôfa.

FELICIANO SANTOS.

«ILUSTRAÇÃO»

NO SEU 2.º ANO DE PUBLICAÇÃO

Com o presente número inicia a «Ilustração» o seu segundo ano de existência.

A direcção desta revista é grato consignar aqui quanto a difícil tarefa de lançar e manter uma publicação dêste género lhe foi facilitada pelo benévolo acolhimento do público e pela devotação dos colaboradores com que, desde o seu início, contou sempre e sempre viu realizada.

Aproveitando o ensejo de a todos, assinantes, leitores, anunciantes e colaboradores, expressar os seus agradecimentos, a direcção formula, igualmente para todos, os votos dum novo ano próspero e feliz, garantindo ao mesmo tempo o seu empenho em manter à «Ilustração», no período de publicação que êste número inicia, no nível dos créditos que o seu primeiro ano lhe criou.

«ILUSTRAÇÃO»

NÚMERO DO NATAL

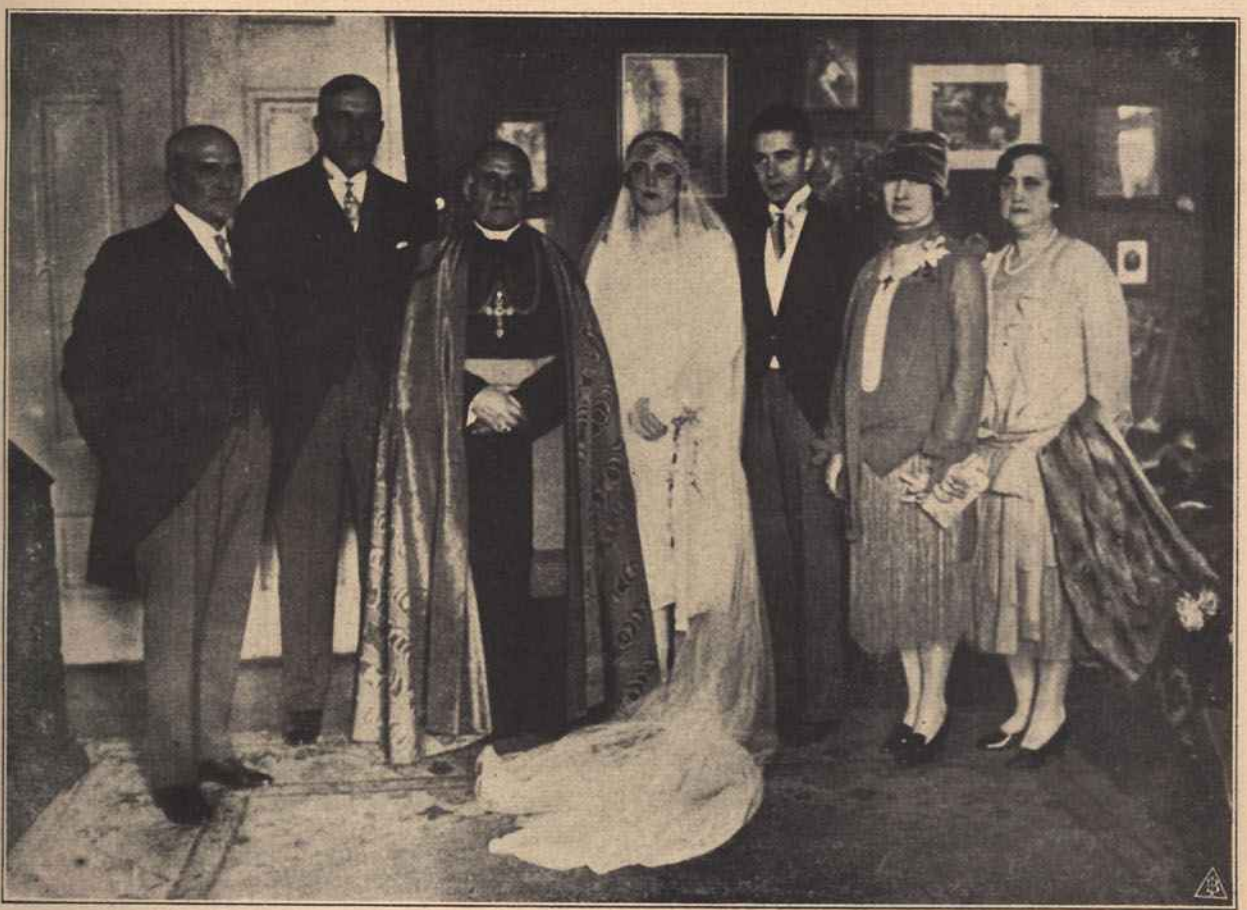
Tendo muitos dos nossos assinantes reclamado contra o facto de só terem recebido a 24 e 25 o número do Natal da «Ilustração», que expedimos a 20, dia anunciado para a sua publicação, tornámo-nos eco destas justas reclamações junto da Administração Geral dos Correios e Telégrafos, que nos informou de que as faltas cometidas na distribuição daquele número foram devidas à insuficiência de pessoal, que se faz sentir principalmente nas épocas, como a que decorre, em que a correspondência se multiplica.

Com esta explicação devida, apresentamos as nossas desculpas aos nossos assinantes.

ACTUALIDADES

A distinta cantora brasileira, Bidu Sayão, na Embaixada do Brasil em Lisboa

Os palhaços da Coliseu dos Recreios divertem as crianças enfermas no Hospital de D. Estefania

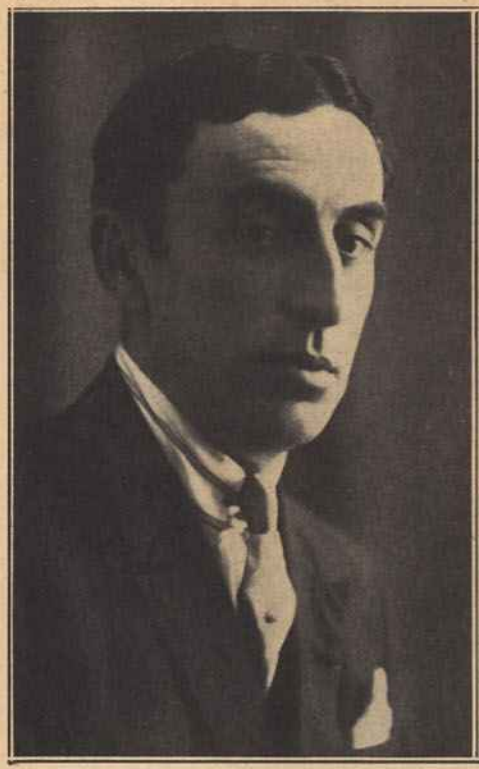


Na capela da Nunciatura realizou-se o casamento de M.lle Herminia R. Cantillo, filha do sr. Ministro da Argentina em Lisboa, com o sr. dr. António Leite de Faria, sendo celebrante o sr. Núncio Apostólico

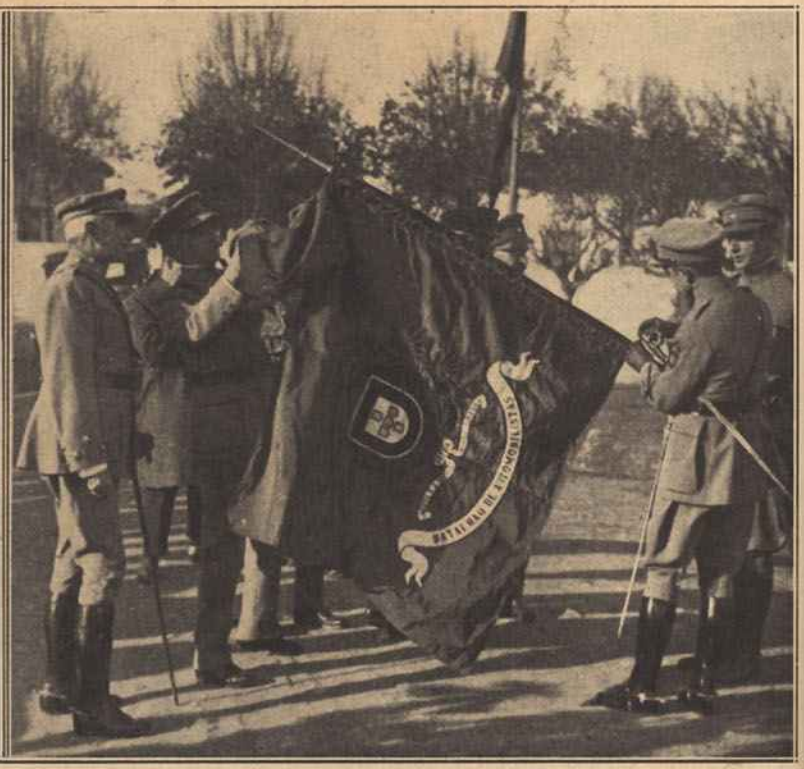
ACTUALIDADES

Inauguração das communicações rádio-telegráficas para Inglaterra, América do Norte, Açores e Madeira, nas instalações da Companhia Portuguesa Rádio-Marconi, em Lisboa

Na Igreja de S. Nicolau realizou-se há dias o casamento da sr.ª D. Maria da Conceição Spinola Ferreira com o sr. Virgilio Ferreira Baptista



André Brun, o brilhante escritor humorista e combatente da Grande Guerra, nosso antigo colaborador, falecido em 22 de Dezembro. Ao escritor e à sua obra dedicará a *Ilustração*, no seu próximo número, uma das suas páginas.



A cerimonia da entrega feita pelo Chefe do Estado ao Batalhão de Automobilistas da bandeira que por aquele alto magistrado foi oferecida à referida unidade

ACTUALIDADES

Na Academia Mozart, do Porto, a sr.ª D. Judith Lima Fuentes numa conferência sôbre canto, a que presidiu o ilustre escultor Teixeira Lopes, que fêz a apresentação e o elogio da conferente

Um aspecto da assistência à conferência da sr.ª D. Judith Lima Fuentes, na Academia Mozart, do Porto

Conforme o costume dos anos anteriores, o Colégio Alemão realizou no Teatro-Cinema da Foz do Douro (Porto) a sua festa anual, com numerosa e selecta assistência

DESPORTOS

FOOT-BALL

O 1.º PORTUGAL-HUNGRIA

O match internacional entre estas duas nações, terminou por um empate de 3 bolas a 3, resultado honroso para o foot-ball português, dada a boa classe dos profissionais hungaros.

O encontro teve lugar na cidade do Porto que, diga-se de passagem, merecia ser escolhida para a sua realização. O público acorrendo em grande número a presenciar o encontro, concorreu em grande parte não só para o belo resultado desportivo, como também para o bom êxito financeiro que para muitos era um ponto de interrogação.

Portugal estreiou-se bem no seu 1.º match contra os hungaros e o resultado traduz bem o decorrer do desafio, se bem que os portugueses perderam, a nosso ver, uma explêndida ocasião de alcançar um belo triunfo.

O *team* português estava bem constituido tendo-se seguido o critério de seleccionar jogadores com bom físico, facto êste que aplaudimos sinceramente e que estamos certos poderá trazer para o futuro bons resultados ao foot-ball português.

O foot-ball é um jôgo duro, para ser jogado entre homens e não entre criaturas cuja apresentação por vezes nos campos desportivos, é uma vergonha. Muita ginástica, muita educação física e uma boa preparação atlética, são hoje os factores indispensáveis ao desenvolvimento do foot-ball em Portugal.

PORTUGAL-HUNGRIA—O grupo hungaro (profissionais)

PORTUGAL-HUNGRIA—O grupo nacional

Analisando o trabalho dos jogadores, podemos dizer que mais uma vez os prognósticos falharam. A nossa defeza que na opinião geral era fraca, portou-se mais uma vez com galhardia jogando muito, aguentando imenso jôgo. Pinho e Jorge Vieira são hoje indiscutiveis, pois que teem a longa experiência dos encontros de responsabilidade e conhecem-se muito bem um ao outro.

A linha de médios cumpriu bem o seu lugar, o que já era de esperar, atendendo á boa classe dos seus jogadores. Augusto Silva foi o melhor e é hoje, sem dúvida, o nosso melhor jogador no seu lugar.

A linha de avançados foi mais uma vez o ponto fraco do *team*, se bem que por vezes tenha feito bom jôgo. Liberto e Pereira da Silva tiveram uma tarde infeliz; Severo ao centro perdeu um goal feito e não nos fêz esquecer Marques que, por motivo de doença não pôde jogar e cuja ausência muito se fêz sentir não só na condução do ataque, como também e sobretudo nos remates ao goal. A asa esquerda foi a melhor, tendo João dos Santos jogado muito e com muita infelicidade nos remates.

José Manoel marcou um goal lindissimo, que quanto mais não fôra, chegaria para confirmar a sua inclusão no team nacional.

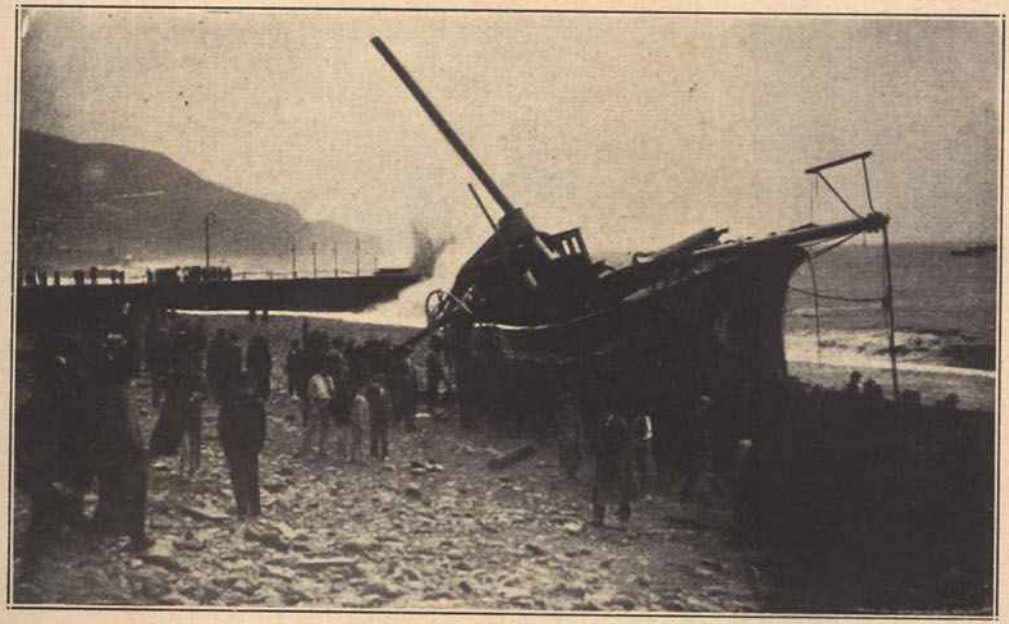
Temos em Fevereiro o Portugal-França e não é cedo para começarmos a trabalhar o nosso grupo.

PORTUGAL-HUNGRIA—Um momento de perigo para as rêdes hungaras

O FUNCHAL SOB A TEMPESTADE

A Rua do Sabão, um dos locais que as águas atingiram na trágica noite de 15 de Dezembro último, vendo-se os barcos que serviram ao transporte de moradores do local, durante a inundação

Um aspecto do cais desvastado pelas águas. À esquerda, um pequeno pavilhão arrancado e arrastado pela tempestade. À direita, uma fragata que o mar arremessou contra a muralha que ficou destruida em grande extensão



O iate «Physalia», depois da tempestade, onde acharam a morte o seu proprietário, sr. Humberto Passos de Freitas, cinco homens da tripulação e uma senhora inglesa, só tendo conseguido salvar-se um tripulante

Na Avenida Gago Coutinho: blocos da muralha arrancados pelo mar

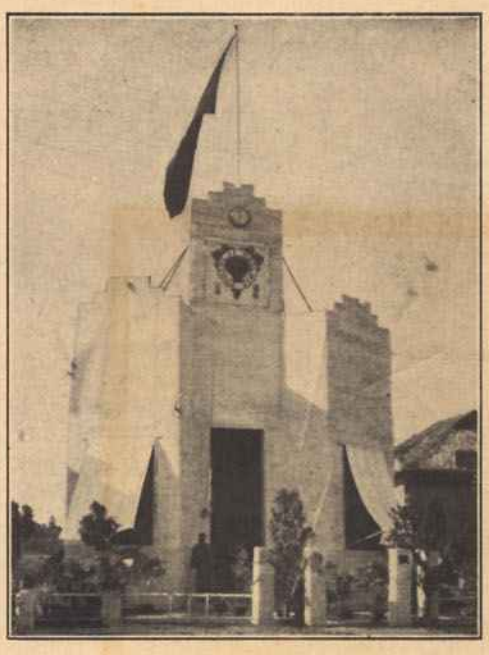
Na Avenida Gonçalo Zarco: refúgio dos barcos pequenos; no primeiro plano, calhau arrojado pelas ondas

(Clichés do distinto amador sr. José Mendes Salgueiro)

MACAU

PÉROLA DO ORIENTE

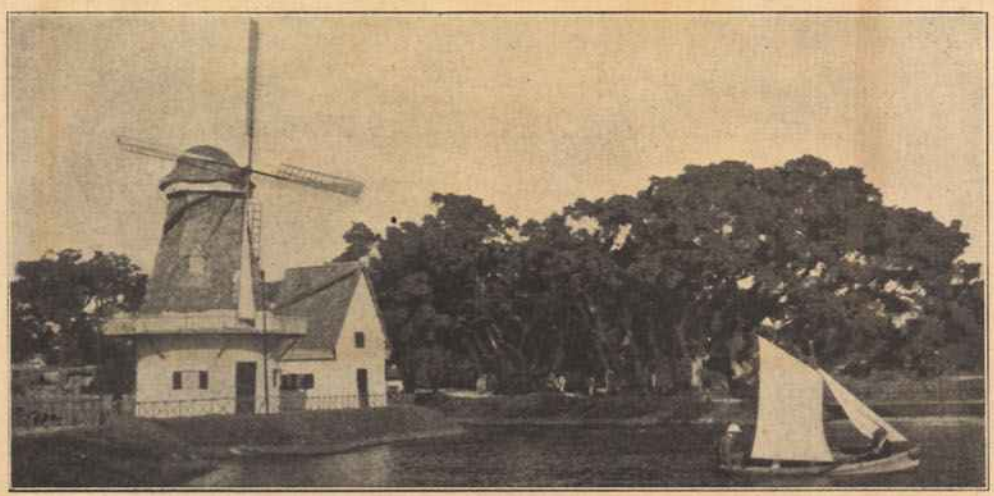
EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL E FEIRA DE MACAU EM 1926



O Pavilhão da Casa Portuguesa

Ferry Wheel (Grande roda)

O lago e o moinho holandês. O rendimento diário do aluguel de sete barcos em serviço nêste lago é de cêrca de 1:000$00



Outro aspecto do lago e do moinho holandês

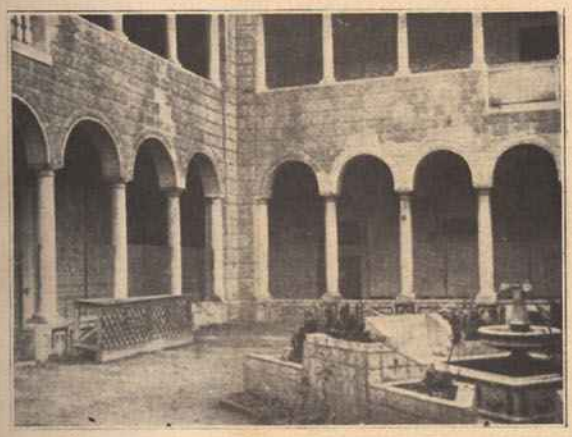
ANUNCIAÇÃO — Vitelo

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

OS MISTÉRIOS DO SUBTERRÂNEO DE CHELAS Á MADRE DE DEUS

Para a imaginação popular, os subterrâneos de Lisboa são veias por onde corre o sangue de crimes indesvendáveis e caminhos trilhados por sombras enigmáticas, ainda sem história...

Para a Sciência, para a arqueologia, êsses velhos labirintos, que remotas picaretas abriram no seio da terra, são artérias que podem conduzir a importantes descobertas, a reconstituições do passado, que ainda não está suficientemente esclarecido. As trevas dos subterrâneos de Lisboa podem transformar-se em luz — luz projectando-se sôbre certos factos da Igreja e dos tronos, até hoje só superficialmente conhecidos...



O claustro do convento de Chelas, onde D. Luísa de Noronha teria comunicado às freiras a sua resolução de mandar abrir um subterrâneo

Mas o Édipo que se há de defrontar com o enigma do sub-solo lisboeta, ainda não surgiu. Os homens que estavam indicados para essas investigações receiam cair num lôgro ou serem colocados no mesmo plano ingénuo daqueles que atribuem aos subterrâneos o papel de cemitério, de depósito de cadáveres, de arquivo de segrêdos terríveis, sugeridos ao espírito do povo pelos que tomaram parte nas campanhas anti-clericais. Parece-nos, porém, haver chegado o momento de, pacientemente, calmamente, abrir os alçapões da terra e, ir, nas entranhas desta, concluir e ampliar certos capítulos da história de Portugal...

E só assim se desvanecerá o que fôr mentira e superstição; só assim o jacto luminoso da verdade, depois de ter percorrido as negras veredas, virá à superfície da terra revelar aos homens a razão ou sem razão de muitos fantasmas em que êles acreditam...

* * *

Devemos dizer, antes de mais nada, que não vamos *afirmar* a existência dos subterrâneos, tal como nela se acredita, mas sim apresentar pormenores dessa existência, colhidos nas velhas crónicas, nos livros arqueológicos e nos dizeres do povo.

O nosso intuito é que se proceda a investigações, agora que nos espíritos há a paz necessária para se conhecer a verdade, só a verdade — a verdade que pode trazer novos aspectos à sciência histórica.

Parece-nos que a Associação dos Arqueólogos, que tantos espíritos cultos possui em seu seio, pode e deve, piamente, mas persistentemente, realizar as indispensáveis investigações.

Não seria êsse trabalho compensado por mil e uma surprêsas, por mil e uma extranhas revelações?

* * *

— Mas — preguntar-nos-hão — há, de facto, subterrâneos em Lisboa?

Nós cremos que sim.

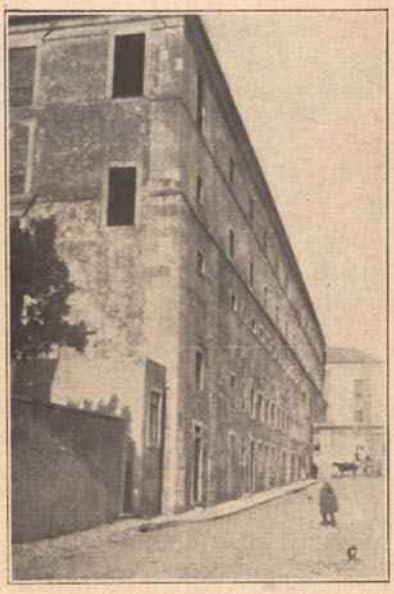
O primeiro cuja existência nos parece acreditável, é o que ligaria o convento de Chelas à Madre de Deus.

O casarão de Chelas, hoje montão de escombros, cinzas que o vento dispersa, tem largas tradições e sua auréola religiosa perde-se nos próprios domínios da Lenda.

O vale ameno, outrora florido, vicejante, mereceu a predilecção dos romanos que trilharam a Lusitânia. E ali êles ergueram um templo magestoso, hierático e pagão — um templo de vestais. Ruidosas festas, largas orgias, perturbaram a quietude do vale — vendo Chelas, nesse tempo já mui longínquo, peitos desnudados, bôcas frementes de desejo e braços contorcendo-se como serpentes.

Foram-se, porém, esvaindo os anos, do Oriente espraiou-se para o Ocidente um novo fulgor espiritual — o paganismo entrou num crepúsculo inevitável e o templo das vestais volveu-se em escombros.

E durante algum tempo o vale de Chelas ficou no olvido. Mas no ano de 666 vieram para ali as relíquias de S. Félix, S. Adrião e seus companheiros mártires. A terra ainda era pecaminosa — nela floresciam ainda as rosas vermelhas do paganismo. Os lusitanos, porém, quiseram purificá-la e, sôbre as ruínas do templo romano, ergueram um convento cristão. Povoaram-no os cavaleiros de S. João, povoaram-no por poucos lustres, pois em 716, os árabes, ao invadirem a Lusitânia, transformaram-no em mesquita e de novo a fé cristã foi dali exilada.



A parte exterior do convento de Chelas

Novos séculos decorreram, silenciosamente.

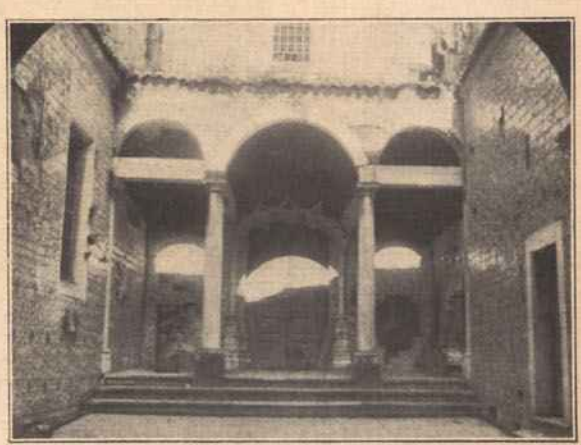
Em 1147, porém, D. Afonso Henriques, depois de tomar Lisboa, encarregou o arcebispo de Braga, D. João Peculiar, de reedificar o convento de Chelas, proscrevendo tudo que assinalasse a passagem dos árabes.

O prelado, então, foi a Coimbra, e dali trouxe quatro freiras, uma das quais era sua irmã, ficando esta sendo a prioresa. Da igreja de Santa Cruz vieram também quatro conegos, tornando-se *duplex* o convento de Chelas, isto é: povoado por ambos os sexos.

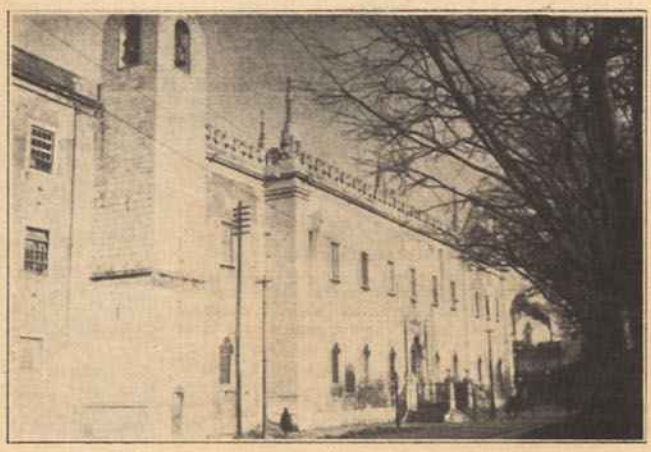
No reinado de D. Afonso II o convento fica sendo apenas de freiras — freiras da ordem de Santo Agostinho, e, por isso, conhecidas popularmente por *Agostinhas*.

Em 1580 as tropas do duque d'Alba assaltam de noite o convento — assaltam-no inutilmente, pois as portas, inexoravelmente fechadas, não permitem que se desvende o mistério do grande casarão.

Mas 9 anos depois, o que as tropas de Alba não conseguiram, conseguem-no os ingleses mercenários às ordens de D. António, prior do



Estado actual da entrada para a capela do convento de Chelas



A parte exterior do precioso templo da Madre de Deus

Crato. E aterrorizadas, perseguidas, as freiras abandonam a quietude das celas e veem refugiar-se em Lisboa. Mas o perigo desvanece-se e as conventuais regressam a Chelas.

No ano de 1604 o convento vê por alguns meses perturbado o seu silêncio. D. Luísa de Noronha fala às freiras dumas reparações que é necessário fazer no edifício, de certas transformações que o templo precisa sofrer. E, assim, as relíquias de S. Felix e S. Adrião, as de Santa Natália e de seus 28 companheiros, são retiradas das vetustas urnas de mármore e metidas em 26 bustos ôcos, obra de escultura, tornada santa pelos ritos. Ao mesmo tempo, uma legião de homens de confiança vai procedendo a escavações em diversos locais do convento. Aqui e ali, desentranham-se do solo velhas lápides romanas, colunas coríntias, figuras tôscas de Juno, de Minerva e outras divindades mitológicas.

Mas D. Luísa de Noronha não pretende apenas descobrir preciosidades arqueológicas e as escavações prosseguem, tornando-se cada vez mais fundas, penetrando dia a dia a terra, partindo duma sombria cela que existia no fundo do claustro.

Um surpreendente efeito de luz no claustro pequeno da Madre de Deus

Uma tarde, D. Luísa de Noronha teria reunido a comunidade, elucidando-a sôbre os trabalhos que se estavam realizando. Mandara abrir um subterrâneo para ligar o convento de Chelas à Madre de Deus, em Xabregas. Queria assim evitar que a comunidade fôsse surpreendida sem defesa, se algum dia se dessem assaltos semelhantes aos que realizaram as tropas do duque d'Alba e os ingleses mercenários ao serviço do prior do Crato. A fuga, assim, resultaria fácil, tanto mais que o subterrâneo, ao chegar à Madre de Deus, ramificar-se-ia com o convento dos Grilos e com o de Santa Maria Jesus de Xabregas. Além disso, facilitaria certas comunicações de ordem secreta entre as três comunidades, comunicações que, de momento, se realizavam exteriormente, perigosamente. A idea do subterrâneo fôra também perfilhada por sóror Colecta, a primeira abadessa da Madre de Deus. As crónicas não resam sôbre o futuro destino da enorme galeria. Teria ela sido levada a cabo?

Tudo parece indicar que sim, exceptuando o ramal que devia ligar Chelas e Madre de Deus ao convento dos Grilos e à igreja de Santa Maria de Jesus de Xabregas.

E dizemos que tudo parece indicar que o subterrâneo existe e que tinha até uma porta na Madre de Deus, pelos factos que vamos narrar.

Em 1873, o arquitecto João Maria Nepomuceno foi encarregado pela Direcção das Obras Públicas de superintender às reparações e transformações que deviam sofrer o actual Asilo Maria Pia e também a igreja da Madre de Deus, que já então pertencia àquela instituição de beneficência.

Nepomuceno, querendo aproveitar umas casas que ficavam contíguas ao templo e abrir uma nova porta de entrada para o edifício, descobriu a porta primitiva, que fôra entaipada no reinado de D. João III. A igreja nova, mandada construir por êste rei, ofuscou a antiga e aquela porta então ocultada, constituia agora para o arquitecto uma magnífica descoberta.

Logo, João Maria Nepomuceno procedeu à reconstituição da fachada, orientando-se por um velho fundo existente na sacristia e que reproduzia a grande porta no momento dela ser transposta pela procissão que conduzia, para a Madre de Deus, o corpo de Santa Auta.

Entusiasmado com a descoberta, o arquitecto ilustre, que na parte por êle remodelada mostrou grandes conhecimentos profissionais e sentido artístico, começou a investigar todos os recantos do velho templo, na ânsia de desvendar o segrêdo e as vetustas paredes. E uma tarde, na primitiva igreja, por detrás do altar situado ao lado esquerdo, teria encontrado, devidamente disfarçada, uma pequena porta. Não tinha nenhuma qualidade artística a valorizá-la: — dava para uma escada estreita e húmida, que pés humanos há muito tempo a não desciam. Nepomuceno muniu-se duma lanterna e, transpondo a porta, desceu essa enigmática escada. Em baixo, já sôbre a terra, havia um recinto quadrado, que se achava povoado de ossos, de velhas e corroídas arcas, de despojos varios.

O arquitecto investigou rápidamente o soturno local, resolvendo realizar nos dias seguintes uma análise mais demorada.

Sucedeu, porém, que o operário que o acompanhara naquela primeira visita ao sub-solo da igreja, veio cá para fora dizer que o subterrâneo, de que falava a tradição, fôra enfim, descoberto.

E no dia seguinte, atraídos por essa notícia, surgiam na Madre de Deus muitos curiosos, que pretendiam descer ao recinto descoberto por Nepomuceno.

Ou porque o irritasse essa curiosidade, que se ia distendendo a todo o bairro de Xabregas, ou por qualquer outro motivo até agora ignorado, o arquitecto não só não permitiu que os indivíduos que acorriam ali vissem a dependência subterrânea do templo, como, dias depois, a mandava encerrar — a pedra e cal.

* * *

Todos êstes indícios nos parecem suficientes para se tentar descobrir a longa galeria de que falavam os nossos avós. Não queremos evocar para isso os «tesouros» e ossadas que a tradição popular diz que ali estão escondidos. Mas o certo é que se êsse subterrâneo existe — como tudo parece indicar — algo de extranho, de surpreendente, êle deve esconder. Ligando duas comunidades que tanta influência exerceram na nossa vida religiosa e política — pois não devemos esquecer que a Madre de Deus foi templo de rainhas — é natural que nas suas negras curvas, que nos desvãos entenebrecidos dessa galeria, um e outro convento tenham ocultado aquilo que devia estar sempre isento dos perigos dum assalto ou duma imprevista expoliação.

FERREIRA DE CASTRO.

A riquíssima e artística capela da Madre de Deus, tal como se encontra actualmente

CINEMATOGRAFIA

Charlie Chaplin, considerado hoje, quási geralmente, como a mais alta expressão da cinematografia, depois de ter evoluído colossalmente desde as suas primeiras comédias de duas partes para Keystone, enveredou decididamente pelos grandes filmes aparentemente comicos, mas com um fundo de verdade e de tragédia, que não pode passar despercebido a quem para êles olhe *com olhos de ver*. Fugindo ao conflito ou ao *enrêdo* complicado, Charlie Chaplin, o universal Charlot criou na cinematografia um gênero especial a que poderemos chamar a «monográfica cinegráfica». Depois do «Peregrino» o seu grande sucesso foi «A quimera do oiro» que a mais categorisada sala de Paris exibiu durante quatro meses a fio. Damos a seguir um resumo do argumento dêste filme verdadeiramente excepcional.

* * *

Entre a multidão de emigrantes, atraídos às regiões geladas do Alaska pela miragem do oiro, está um pesquizador solitário, Charlot, valente a pesar de fraco e que tenta também a fortuna. Uma tempestade de neve leva-o à cabana de Black Larsen, bandido que a polícia procura. Êste, sem piedade, quer expulsá-lo e entregá-lo portanto a uma morte certa no meio da tempestade mas o destino aparece sob a forma de Jim Mckay que vence o bandido obrigando-o a ir buscar alimento para os três. Mas o bandido não volta e em seu lugar surge um urso que Charlot e Jim matam e comem. Quando passa a tormenta, os dois comensais separam-se. Charlie vai para a cidade mais próxima e Jim para a sua mina escondida, a mais rica do Alaska. Mas Black apropriara-se-lhe dos seus bens. Lutam novamente, Jim cái inanimado e Black ao fugir, é esmagado por uma avalanche. Jim recupera os sentidos mas por efeito da comoção sofrida, perdeu a memória.

Enquanto se desenrola êste drama, Charlie entra num dancing suspeito e fica em êxtase perante a beleza de Georgia, a «estrêla» do corpo de baile. Charlot ama. Georgia, ignorando os sentimentos do nosso herói, mostra-se rendida por Jack Cameron, o D. Juan da povoação. Num momento de capricho e para «fazer ferro» a Jack, pede a Charlot que dance com ela. O pobre maltrapilho julgando o seu afecto correspondido, deixa-se transportar ao sétimo céu.

Algum tempo depois, numa bela tarde, Georgia chega por acaso, com as suas companheiras, à porta duma cabana. Na brincadeira, as raparigas fazem aparecer o proprietário da miserável habitação. É êle Charlot que, louco de alegria, as convida a entrar. Depois de muito hesitar, o pobre solitário atreve-se a convidá-las a jantar com êle ali, no dia de Ano Bom e elas aceitam. Mas, nunca mais pensando em tal, as descuidosas raparigas, no dia indicado, não aparecem e Charlot que as espera, adormece, sonha maravilhas, mas acorda à meia noite, transido, sòzinho, desgraçado.

Sem coragem para viver, vai ao dancing e vê Georgia em alegre conversa com Jack. Mas a «estrêla», lembra-se subitamente do convite e decide ir à cabana do pobre Charlot mas levando consigo um bando de amigas e freqüentadores. Ao chegar lá, encontra a casa vazia, a mesa posta e coberta dos pequenos presentes que o triste e bondoso solitário preparara para as suas convidadas. Um grande remorso a invade então bruscamente e Jack exaspera-se pela brusca tristeza da namorada. No dia seguinte, Georgia, para fazer as pazes, escreve uma carta cheia de ternura a Jack e êste, por cruel brincadeira, manda entregar a carta ao seu desgraçado rival. Julgando que a carta lhe é destinada, Charlot vai à procura da mulher dos seus sonhos e tenta encontrá-la entre os pares de bailarinos. Mas alguem o persegue na sua busca. É Jim Mckay que, tendo recobrado parcialmente a memória, reconheceu o seu antigo camarada de infortúnio e quere-lhe pedir que o guie para a cabana onde se encontraram, persuadido de que, em lá estando, com facilidade achará a sua mina de oiro. Promete a Charlot a fortuna e a felicidade e quer arrastá-lo a pesar da resistência do pobre maltrapilho que, por fim, acaba de encontrar Georgia. O pobre apaixonado, levado à fôrça, apenas tem tempo de gritar a Georgia, que nada percebe,

Também dos fracos deve rezar a história e porisso Charlot marcha à conquista do oiro...

Isolados do mundo, bloqueados pela neve e atormentados pela fome...

Mas o desiludido de amor a nada atende: ia afrontar a morte sob a neve...

que voltará a procurá-la depois de ter feito fortuna. E efectivamente, a pesar de tôdas as provações e perigos que vencem, a fortuna sorri aos dois amigos e ei-los que voltam ao mundo civilizado, um ano depois, possuindo tudo quanto a fortuna lhes pode dar. Mas Georgia, desapareceu. Em vão Charlot a procura. Depois, partem para a Europa e como potentados, sofrem, na ponte do vapor, o assalto dum enxame de jornalistas. Para lhes ser agradável, o bom Charlot consente em se deixar fotografar no seu traje de pesquizador de oiro mas quando vai recolher à cabine, engana-se, escorrega numa escada e cái em plena terceira classe, junto de Georgia que também vem para a Europa, desiludida, infeliz, quási na miséria. Georgia então, enganada pelo fato miserável de Charlot e sabendo que procuram por todo o barco um passageiro sem bilhete, junta as suas últimas moedas e quer pagar-lhe o bilhete.

Charlot é o homem mais feliz do mundo neste momento e quando os repórteres, que o procuram por todos os lados, veem enfim dar com êle, é com a maior das alegrias que lhes segreda aos ouvidos:

—Não digam nada a ninguem mas... vou casar!

E todos os grandes rotativos, no dia seguinte publicaram um belo artigo com uma foto em que um milionário vestido de maltrapilho abraça com os olhos rasos de água uma pobre rapariga vestida de chita.

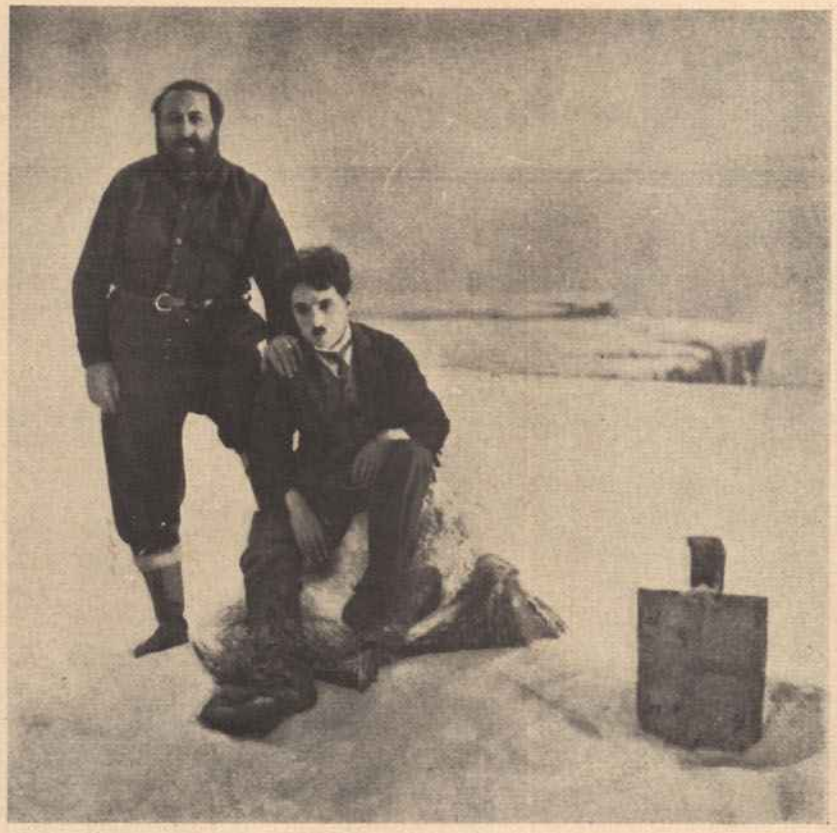
* * *

«La petite chocolatière» que Lisboa conhece com o titulo «A menina do chocolate» na interpretação de várias das suas melhores artistas de comédia, será levada no écran sob a direcção de René Hervil. A protagonista da curiosa obra de Paul Gavault será a encantadora Dolly Davis.

* * *

O Aubert Palace, que tem apenas 630 lugares, bateu o record das suas receitas numa semana, com o filme «Os últimos dias de Pompeia» de Carmine Gallone, fazendo uma entrada bruta de 139.845 francos.

Laura La Plante, a deliciosa loirinha, uma das mais belas e graciosas artistas da cinematografia americana, casou na igreja das Congregações, em Hollywood, com o joven ensenador William Leiter, que pela primeira vez dirigiu a que é hoje sua mulher, como vedeta dum grande filme: «Dangerous Inonence». O padrinho foi o célebre Carl Laemmle, o pai da cinematografia e o cortêjo mais parecia... um album de artistas cinematográficos.



A fortuna sorriu-lhes e na imensidão gelada toparam enfim com a mina...

TEATRO

ACTUALIDADE EM LISBOA

É dos usos e costumes da nossa terra, anunciarem as emprêsas teatrais, no comêço de cada inverno, um luxo verdadeiramente perdulário de originais portugueses. Sucede, em regra, que peça anunciada nas vistosas entrevistas do outono é alma que caiu no inferno. Não se sabe que mau-olhado lhes dá! Por mais hábeis que sejam as combinações, por maiores primores que as obras contenham, no limbo dos arquivos para sempre se sómem, até à consumação dos séculos.

Desta feita, porém, o *Borda de água*, não errou, e com patriótico júbilo consignamos aqui o facto. A 11 de Dezembro, um sábado, estreou-se no Politeama a peça em 3 actos *Inimigos* de Vitoriano Braga. Dias depois, a 17, fazia no Ginásio a sua aparição triunfal, a comédia em 3 actos *Caso do dia*, de Ramada Curto. E já anteriormente, no Apolo, a *Mouraria*, de Lino Ferreira, Silva Tavares e L. Lauer, com música de Filipe Duarte, conquistara desde a primeira hora as simpatias populares por um sufrágio de bilheteira que roça quási pelo delírio.

Os *Inimigos*, de Vitoriano Braga (sem calemburgo) triunfaram em tôda a linha. Estamos em frente duma bela obra de teatro psicológico, cujo último acto, perfeito, vale por si só tôda uma obra de dramaturgo. Podem os exigentes, os ortodoxos, divergir em vários pontos de casuística técnica, sobretudo no que concerne à apresentação preambular dos caracteres no primeiro acto e à urdidura da intriga do segundo. Mas a sobriedade de tons e de tintas com que todo o quadro foi tratado, o próprio ritmo da acção, isenta de golpes de efeito e expedientes sédiços, e por fim a eclosão emocional do drama íntimo que remata a peça, atestam a mão de mestre que a talhou e escreveu numa linguagem castiça da mais pura concisão teatral.

O *Caso do dia*, 3 actos de Ramada Curto, que participam da sátira social e política, da comédia de costumes e da novela sentimental, dão-nos ensejo de admirar a extraordinária destreza de pulso e a moça desenvoltura de espírito do autor das «Segundas Núpcias» e da «Fera», por muitos títulos consagrado desde a sua estreia com o «Estigma».

Tratado um pouco boèmiamente, sem pretensões de funda análise psicológica, apenas uma figura de mulher, borboleta doirada e voltijante, se destaca vivamente do fundo pitoresco do quadro, onde se acotovelam, numa febre tôda moderna de lucro e de prazer, jornalistas sem pudor, mulheres sem virtude, banqueiros sem capital, deputados sem carácter e tôda a vasa moral duma sociedade corrupta e pandilha, que nem no aviltamento tem grandeza.

Lembra-nos certas páginas do Eça — o Eça das Lolas, do Palma Cavalão, e da redacção da «Tarde» nos «Maias». O mesmo cordão umbilical os liga, pois nem um duplo regicídio, uma mudança de regime político, várias revoluções e noites sangrentas e o furacão assolador da Grande Guerra conseguiram evitar que proliferassem os Salcedes, os Acácios, os Eusebiozinhos, todos os biltres e gafados desta ocidental praia lusitana.

D. Amélia Rey Colaço, a distintíssima senhora que esta época preside aos destinos artísticos do Ginásio, tem nessa espanhola irregular e sentimental, uma das mais perfeitas criações que uma artista da sua categoria pode sonhar.

E se outros não houvesse por que felicitar Ramada Curto, só êsse motivo bastaria para lhe agradecer a linda acção que a sua peça é.

Mouraria, no Apolo, neta da *Severa* e parenta próxima do *Fado* e do *Chico das Pêgas*, é no género popular uma obra completa, do nosso teatro moderno. A crítica da peça não se faz, porque os três hilariantes quadros da Mouraria, com seus fidalgos toureiros, seus fadistas sentimentais, o Artur da viola e o Mota da guitarra, o arraial na Mouraria, a *marcha aux flambeaux*, e tôda a verve plebêa, gritante, colorida e alegre dos bairros populares alfacinhas, sucedem-se tão vertiginosa e alegremente diante dos nossos olhos, que tôda a preocupação crítica se derrete na atmosfera, vibrante e ardente do entusiasmo, da sala.

Já lá vai quási um mês, e em cada noite, a lotação da sala se esgota para qualquer das duas sessões.

E esta é a melhor *crítica* que à peça se pode conscienciosamente fazer.

R.

Scena da opereta de costumes populares «Mouraria» actualmente no teatro Apolo

LIVROS E ESCRITORES

Quando um ano expira e outro alvorece, nos festivos dias que vão do Natal aos Reis, a literatura que adquire primasia é a infantil. E com plena razão, pois não se conhece quadra em que a infância, a tão fugaz idade de oiro dos pobres humanos, goze de mais controversa soberania.

Seja para qual fôr o lado para que nos voltemos, é a Criança, em geral, que vemos erguida no trono branco da nossa ternura e no embalo carinhoso da nossa alma, que ao seu contacto se sente purificar, — a pretexto de glorificarmos Jesus pequenino, nascido há vinte séculos num humilde presépio de Belém, para reflorir de graça e de perdão o mundo sofredor.

Em honra e louvor da meninice, ao mesmo tempo que se estrelam de luzes e de flôres, guloseimas e brinquedos, as tradicionais ramadas de pinho — tantas vezes as únicas árvores generosas, e mesmo assim de ilusórios frutos, que ao longo da vida logramos enxergar —, as montras das livrarias ostentam no primeiro plano, como que postos ao colo dos outros livros para a gente adulta, os faceiros livrinhos para a gente miuda, todos esplendentes de doirados e variegadas côres nas suas ilustrações, vinhetas e *culs-de-lamps*. Não haverá mesmo escritor dêste género que se não empenhe em reservar para êste período, de quási exclusiva devoção infantil, o aparecimento das suas obras, como que no desejo de dar ajuda ao Deus-Menino na sua lendária distribuição de mimos pelos sapatinhos que a pequenada, ingènuamente, coloca nas lareiras. Por isso se verifica, todos os anos, maior afluência de tais livros nesta ocasião, e o ano literário em decurso não desobedeceu à regra e ao rito.

Dois, filhos da mesma colecção e ainda fresquinhos do prélo vieram agora alegrar-nos os

João Grave

olhos. Fazendo parte da biblioteca *Historias e Historietas*, onde já moravam outros, seus irmãos na graciosidade dos textos, saídos dos engenhos de Aquilino Ribeiro, Antonio Sérgio e Carlos Selvagem, ou sejam *O romance da raposa, Na terra e no mar, Contos gregos* e *Bonecos Falantes*, — as duas aludidas novidades infantis chamam-se *O que canta o pintasilgo* e *O romance das Ilhas encantadas*, respectivamente subscritas, no que respeita à parte redigida, por Jane Bensaude e Agostinho de Campos e por Jaime Cortesão.

Sem receio de ferir a nota do exagêro, aos quatro ventos pode ser gritado que estas duas obrazinhas valem, dentro da literatura especial a que pertencem, tanto quanto pesam: com tal dose de espírito afável e educativo, tamanho poder de sugestão e de comunicabilidade, foram concebidos e traçados os trechos que as formam, a uma e outra.

Na primeira, depois de, em nota preambular, o sr. dr. Agostinho de Campos sacudir de si honras que entende não lhe caberem, acentuando que tudo o que há de meritório nas historietas inclusas é pertença sòmente de D. Jane Bensaude, tendo êle operado ali apenas a revisão da linguagem portuguesa em que foram escritas, — é-nos apresentada uma simpática e sábia coruja que, em colóquios engraçadissimos com uma borboleta, lhe ministra valiosos ensinamentos e observações sôbre a vida. Assim, no conto com que, após o prefácio, abre o volumezinho, exemplifica-se o respeito que se deve às aves e a todos os pequeninos entes da criação, que, quando afagados, sabem ser tanto ou mais gratos do que as humanas criaturas. A seguir, confidencia-se o que um tenro pinheiro sentiu de satisfação e de orgulho por se ver o protagonista duma festa de Natal, adornado de maravilhas e tendo em sua volta a folgança da criançada. Depois, desenvolve-se como quem não quere a coisa, uma intuitiva lição de zoologia sôbre o nascimento dos lepidópteros, irmãozitos da grácil e curiosa borboleta que está escutando a «avózinha» coruja. Depois ainda, recorda-se, remoçada e com a bendita paz dos dois animaizinhos por inédito desfecho, a velha fábula da cigarra cantadeira e da formiga económica. Por último, na narrativa do que foi a existência egoística do esquilo que habitava as matas do Buçaco, vê-se quanto a avareza é repugnante e inútil para o próprio que a pratica. Na freima de acumular viandas, desprezando tôdas as alegrias sãs do mundo, sem carinhos nem de espôsa nem de amigos, tanto o bicho atochou a toca que, chegado o inverno, não teve maneira de se abrigar nela e assim veio a morrer, ao lêu, transido de frio.

Destinado êste volume aos leitores de sete a nove anos — será preciso lembrar que a biblioteca *Historias e Historietas*, obediente a um critério pedagógico muito de louvar, se apresentou, desde o início, dividida nas séries *a*, *b* e *c*, conforme as idades das crianças a quem dirige seus tomos? —, o outro, firmado pelo dr. Jaime Cortesão, é já de molde a interessar as inteligências dos rapazes que excedem dez anos e, portanto, já com algumas luzes históricas. Com efeito, *O Romance das Ilhas Encantadas*, compreende uma única narrativa, fabula-nos algumas das grandes emprêsas náuticas dos nossos antepassados. A Madeira e os Açores, o mistério que por longas décadas envolvem essas parcelas insulares do nosso Portugal, como que defendidas dos mareantes portugueses por ardilosos bandos de deusas marinhas, e o modo romanesco como essas ilhas foram descobertas, tudo isto descrito com acentuado sabor de crónicas antigas, — eis o assunto, sedutor assunto, do trabalho ora presente, que o poeta-historiador da *Morte da Aguia* e da *Expedição de Pedro Alvares Cabral* escreveu, para a nossa mocidade aprender a amar com mais profundo amor o oceano, desde longe, desde sempre, estrada aberta ao sonho ousado da grei lusitana.

Perdão! Gabadas até agora apenas as prosas dêstes livrinhos, acaso devem ficar sem elogio as suas ilustrações, quer as impressas a negro, quer as dos coloridos *hors-textes*, que os animam e constituem o não menor motivo do seu valor? Pois saibam quantos destas coisas cuidem que em obras de tal natureza a imágem, longe de ser supérflua, deve considerar-se in-

Correia da Costa

dispensável: os olhos é que dão alarme ao cérebro, pelo que cumpre interessá-los primeiro do que tudo.

Ora aqui êste preceito foi rigorosamente atendido. A sua parte ilustrada é nada menos que magnífica e digna de emparceirar com a escrita. Em *O que canta o pintasilgo* foram dois os ilustradores, Raquel Roque Gameiro Ottolini e Emmerico Nunes, ambos bem reputados em trabalhos do género; no *Romance das Ilhas Encantadas*, quem o ilustrou completamente foi Roque Gameiro, grande mestre de aguarela, o que equivale a dizer que o fêz com extremada arte.

O afã em que hoje se anda de coligir os esparsos dalguns dos bons escritores de ontem, como Latino Coelho, Fialho, Oliveira Martins e mais, — estão livres os vindouros de o ter com respeito aos nossos contemporâneos, pois jamais houve tempo tão caritativo para os escritos vagabundos como o que passa agora. Artigo atirado ao *mare-magnum* dos periódicos, desde que o autor veja nêle qualquer coisa, na forma ou no assunto, digna de perdurar, cedo ou tarde irá êle próprio de lá extraí-lo, para o abrigar, carinhosamente, nas páginas dum volume.

Mas o que não raras vezes sucede é que, em virtude de o amor dos pais ser sempre cego, o que é desculpável, para os aleijões dos seus rebentos, só vendo neles lindezas, muitos dêsses artigos se ressentem da maneira precipitada como foram traçados, para atenderem ao vertiginoso giro da imprensa diária, que, pela própria natureza da sua função, põe acima do valor estético do que insere o seu carácter de actualidade.

Isto se diz não como pano para talhar cara-

puça para os quatro volumes de artigos dispersos de que vamos fazer o registo, mas exactamente para o contrário: para salientar e propósito que norteou os seus autores de os eximirem a tão freqüente pecha. Todos sujeitaram os respectivos filhos dos seus espíritos àquela dura lei da velha Sparta, que mandava eliminar os menos escorreitos. Estes, no caso, como se calcula, são aqueles a cujos assuntos o tempo subtraiu já a oportunidade.

Comecemos por João Grave, nome dos mais admirados das letras portuguesas de hoje. *Memórias dos dias findos* é o título do seu livro inspirou, outros no bucolismo, como o que descreve a movimentada faina das vindimas, outros ainda na vida das letras, como o que trata de Rostand, enfim, uma variedade de temas que, a aliar a riqueza de estilo que os veste, constitui o maior motivo do seu interêsse de leitura.

Depois de João Grave, um escritor da moderna geração: o sr. Correia da Costa. Chama-se o seu livro, de formação fragmentária também, *O Esplendor das Coisas*.

Neste volume, que alcança e excede quatro-

Que importa isso? São belos, teem ritmo, impressionam, sugerem uma paisagem, traçam uma silhueta, traduzem um sentimento? É o que para nós tem mérito e é unicamente o que é da nossa alçada verificar.

Divide-se o volume em três partes: *Aspectos, Ex-Votos, Impressões*. Em tôdas elas marcámos artigos eleitos pelo nosso gôsto, acontecendo que da primeira não ficou nenhum excluído. Da segunda, preferimos os dois estudos, com muito de ensáios críticos, sôbre as personalidades literárias de Fialho de Almeida e do visconde de Vila-Moura. Da terceira, as pági-

O CONCURSO LITERÁRIO DA «ILUSTRAÇÃO»

Se outros indícios não tivéssemos de que a nossa iniciativa surgiu na hora própria e corresponde a uma necessidade há muito sentida no meio literário português, até hoje tão pobre de estímulos e recompensas para os que, honrando as tradições da cultura e da língua nacional, nele trabalham, — bastaria a numerosa correspondência, contendo observações e alvitres a seu respeito, que ela suscitou e trouxe à nossa redacção, para nos convencer da oportunidade e da valia dêste empreendimento.

Escusado é dizer que são os autores, principalmente os novos, quem avulta no núcleo dos correspondentes entusiastas pela nossa idea. E num ponto, como por tácito acôrdo, insistem todos: na exigüidade do prazo concedido para a publicação das obras beneficiadas pelo concurso. Até 15 de Abril próximo não há já tempo de ninguém escrever, com o cuidado devido, uma obra, e não só escrevê-la como imprimi-la e dá-la aos ventos da publicidade. Mantendo-se aquela data como termo do prazo, o concurso interessará apenas os escritores que já tenham os seus livros no prelo ou, pelo menos, em jeitos disso. E, assim, querendo a nossa revista impulsionar a criação de romances e novelas, porventura com o aparecimento, ao lado dos antigos, de novos cultores dêsses géneros literários, êsse propósito dificilmente será atingido. Isto tudo aduzem êles.

Pois, bem: concordando com os argumentos apresentados e para que não fique cerceada a influência do certame que promovemos, vamos atender aos desejos expressos neste sentido.

O definitivo prazo do concurso será, portanto, o de

1 DE OUTUBRO DE 1926 A 30 DE SETEMBRO DE 1927,

abrangendo o período exacto dum ano, suficiente para que, a par dos escritores que já no ano em decurso têm obras das índoles aludidas aparecidas ou prestes a aparecer, acorram outros, até hoje inactivos ou mesmo inéditos, que se lancem agora com alma ao trabalho, para, a tempo e horas, trazerem à lume as suas produções.

Esta prorrogação acarreta, implicitamente, o adiamento da

FESTA DO LIVRO,

iniciativa também da nossa revista e da qual o Concurso Literário não é senão um elemento, se bem que primacial. Queríamos efectuar essa festa em volta do dia 10 de Junho, tomando Camões por oráculo. Afastando-a, porém, dessa data para a de 1 de Dezembro, nem por isso ficará esquecido o nome do egrégio vate dos Lusíadas. Entrelaçada na tradicional Festa da independência a nova Festa do Livro, nessa comemoração dupla será ainda bem presente à figura do grande épico nacional: pois não constitui o seu poema excelso a verdadeira e única Bíblia da nossa Pátria, e não é também no fulgor e na pureza da língua dum povo que reside a maior salvaguarda da sua autonomia e da perpetuidade dos seus destinos históricos?! Camões, a independência pátria e o prestígio das letras portuguesas, expresso na maior expansão do seu instrumento próprio, que é o livro — eis três ideas-símbolos que se conjugam e formam uma unidade espiritual. A nova data escolhida para a Festa do Livro é, por conseguinte e por inteiro, uma data certa no seu significado.

Outro tema freqüente dos reparos feitos às bases do concurso é a exigência da declaração de candidatura. Embora convictos de que o que foi aqui prescrito não envolvia o menor melindre para os autores, tanto mais que tal obrigação era imposta aos editores das suas obras e não a êles, — também nisto transigimos: sem prescindirmos de que nos enviem cinco exemplares de cada uma delas, para serviço do júri que as julgará, êsse envio, por si só, constitui o bastante título de candidatura.

Incitando de novo os

ROMANCISTAS E NOVELISTAS PORTUGUESES

a trazerem os seus livros ao Concurso Literário que, para seu incentivo e renome, a Ilustração abriu nestas páginas e dotou com prémios de

5.000$00 CADA UM,

recapitulemos, pois, as respectivas bases: 1.ª — Só podem concorrer os livros originais, de romance ou novelas, cujo texto exceda 200 páginas e, sendo de autoria portuguesa e editados em Portugal, tenham vindo ou venham a lume dentro do prazo acima determinado; 2.ª — Os editores dos referidos livros deverão enviar-nos cinco exemplares de cada um dêles, escrevendo nitidamente no envólucro «Para o concurso literário da Ilustração.»

As duas recompensas monetárias a que aludimos serão atribuídas da seguinte forma: uma, ao livro que um júri idóneo considerar o mais perfeito, quer quanto à idea, quer quanto ao estilo; a outra, ao livro que, por votação dos nossos leitores, fôr apontado como o seu preferido, isto é, aquele cuja leitura mais profundamente os conseguiu interessar.

Findando esta notícia sôbre a nossa iniciativa, que a falta de espaço nos não permite alongar mais, anunciamos ainda que, das obras recentemente aparecidas, já estão propostas as seguintes:

Solteiras, *romance do sr. dr. Vaz Ferreira, apresentado por êle próprio, que é, cumulativamente, autor e editor do volume; e*

Andam Faunos pelos Bosques, *romance também, da autoria do sr. Aquilino Ribeiro, que as Livrarias Aillaud e Bertrand, suas editoras, apresentaram ao*

CONCURSO LITERÁRIO DA «ILUSTRAÇÃO»

agora aparecido. Poder-se-hia completar assim êsse título: Memórias dos dias findos... *dignos de memória*, pois a outros, nas suas páginas, não deu eco o autor.

Quem leu *Os vivos e os mortos* que João Grave o ano passado trouxe a lume e cuja índole é a da matéria da obra de hoje, sabe já que o romancista vigoroso de *A Gleba* e da *Paixão e Morte da Infanta* não podia escrupulizar mais do que escrupulizou na escôlha dos artigos que apresenta neste volume. Nem sequer um único dêles acusa tonalidade passageira. Outra característica que a todos abrange é o brilho da pena com que foram escritos, dando realce aos assuntos, recrutados uns no campo da arte musical, como é o que a loucura de Perosi lhe centas páginas de prosa, está excelentemente documentado um forte temperamento de escritor. Se o assunto é, em geral atraente, o que mais nos fere aqui a atenção, o que mais nos cativa nele, é a opulência do estilo, é o caleidoscópio das suas imágens rútilas, é o recorte de uma elegância invulgar das suas frases, como que buriladas em lâminas de ouro. O colorido e a musicalidade da linguágem são, vê-se bem isso, a preocupação máxima do autor. É lei suprema da sua sensibilidade de homem de letras, imprimir um grande cunho de arte aos seus períodos. Escreveu-os torturadamente, em vigílias despedaçadoras como as de Flaubert e de Fialho, ou saíram êles, assim mesmo, espontâneamente, em jacto da sua pena?

nas que se referem a Madrid e a Paris. Quantos escritores teem escrito sôbre estas cidades cosmopolitas? Número infinito, o seu. Assunto assim exgotado, através de milhares de páginas, como esperar que ainda alguém lhe extráia uma só scentelha de novidade, uma gôta que seja de essência inédita. Pois da leitura dêstes sete capítulos finais do *Esplendor das Coisas* colhe-se essa impressão devêras singular: a alma, a vida das duas capitais, a espanhola e a francesa, conservavam ainda qualquer coisa de virginal em si, para a entregarem à curiosidade voluptuosa dêste cronista português, cuja arte de prosador apresenta tonalidades que dir-se-iam sortílegas.

CÉSAR DE FRIAS.

A LUTA SUMÕ

O KOKUGI-KWAN, DE TOKYO

Sumôtori! Sumôtori! Como em Espanha se grita: «A los toros!» Sumôtori! Sumôtori! É o grito de tôdas as bôcas.

A ver os lutadores! A ver os combates! Sumôtori! Sumôtori!

Já dias antes, pelas ruas, a nossa atenção fôra dispertada para uns gigantes, colossos de bastas cabeleiras ondeadas e em volutas, como as das *gueishas*, prêsas a pentes e travessões... Homens descomunais, ventrudos...

Qualquer dêsses monstros de dois metros de altura e de duzentos quilos de pêso, na certa, não nos dá a impressão de que possa haver luta... Moles humanas que se arrastam...

Mas Umegatani e Hitachiyama são nomes de campeões, endeusados como em Espanha os de Maera e Belmonte.

. . . . . .

A arte do Sumô teve a sua origem na luta que travaram dois homens hercúleos, Taima e Nomi, no ano 23, antes de Cristo.

Takasago e Ikadzuchi — as duas autoridades no assunto — referem que a arte se tornou mais florescente para os fins do século XIX.

Teem-na os japoneses como luta heróica, cerimonial essencialmente nipónico. Assemelha-se, na prática, à luta romana, com a diferença de que não basta levar as espáduas do adversário ao tapete, mas o lutador terá de atirá-lo para fora das cordas.

Afigura-se-nos mais leal porque o ataque só se inicia quando ambos os atletas sentem chegar o instante decisivo para a luta.

Os combates duram apenas dez dias em cada época. E realizam-se nos meses de Janeiro e Maio, no Palácio da Arte Nacional — o *Kokugi-Kwan* — um circo grandioso.

* * *

Nas margens do rio Sumida, a leste da linda ponte de Ryogoku. Passamos por Mukojima, celebrada pela sua avenida de cerejeiros. O anfiteatro está situado nos terrenos do templo de Ekoin, que perpetua a memória de cem mil vítimas do terremoto de 1657.

O tambor, colocado no alto da tôrre, só às quatro horas cessará de tocar. Os projectores do *Kokugi-Kwan* rompem a custo o nevoeiro denso.

À entrada, a multidão é como que enorme mole movediça.

Sucedem-se ininterruptamente os *jin-rickshas* de lanternas multicôres.

As *Sumô-jaya* (casas de chá do Sumô) abarrotam de gente.

Terminou o rufo do tambor. Vai começar a luta!

* * *

Em volta da arena, os camarotes, as bancadas com almofadões para nos sentarmos à japonesa.

A voz esganiçada do pregoeiro — *Yobidashi* — a dominar o brouhaha da multidão.

O círculo, onde se desenrolará a luta, é pequeno.

Chama-se *Dohyõ*, a arena, que é murada por oitenta e dois sacos de areia. Fica entre quatro pilares, envoltos em pano.

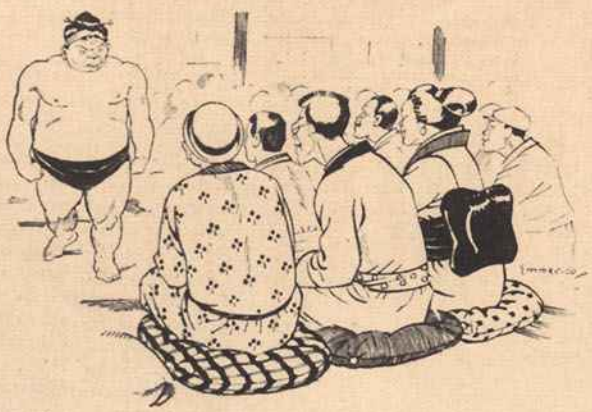
O do lado oriental é azul e simbolisa a Primavera. Do lado ocidental, o pilar é branco e representa o Outono. Vermelho é o do lado sul — o Verão. O Inverno, ao norte, é negro.

Ao pé de cada pilar, há um fardo de sal e um tubo de água para os lutadores *purificarem* a bôca e o corpo.

A fiscalisar as lutas, os *Kensayaku* (Inspectores) e os *referees* que trazem o *Gunbai-Uchiwa* — leque de guerra — e que serve para apontar a vitória. Há entre êles vários postos. O que está de púrpura, como um cardeal, é a suprema autoridade na luta Sumô. Seguem-se-lhe os que estão vestidos de branco e vermelho, êste é um lutador aposentado; e de azul e branco, o juiz n.º 3...

Os projectores abrem um grande claro na *Dohyõ*. É uma voz que estertora, esganiçar intérmino, vibra o nome dos lutadores.

É o pregoeiro invisível. Há nessa voz aguda, fina e penetrante, o som metálico de um clarim de guerra. A voz não emudece. Continua a vibrar, oscilante, silvo que se escapasse de uma guela de aço. Vontade sobrehumana que desferisse o grito de guerra para milhares de homens distraídos do dever de combater. A voz não cede. Estertora, balanceia, recurva-se, mas prossegue, persistente. É a alma *samurai* que transparece no anunciar de um pregoeiro, para um jôgo de circo.



Distingo as contracções nos rostos, o arfar de milhares de peitos.

A voz prossegue. Escutam-na, fanatisados, os japoneses.

Tôda a multidão se calou, dominada pela fascinação imperiosa.

Uma rajada de bravura parece percorrer todos os corpos que estremecem, que palpitam, que se agitam frementes, levantando as cabeças, pupilas acesas, como se o Deus de Nihon trovejasse, clamando pelos seus filhos num campo de batalha.

Os lutadores apresentam-se na arena ao comando da voz aguda, fina e penetrante do *Yobidashi* invisível.

Veem nus, apenas com uma faixa sôbre os quadris.

Reverências prolongadas para a assistência.

Há entusiasmos silenciosos pelos favoritos, gestos irreprimíveis da multidão electrisada.

Julgamos chegar o momento anceiado.

Mas os lutadores entregam-se a um exercício preliminar, deveras grotesco para os estrangeiros.

Assentam pesadamente, no chão, os pés descompassados, levantando ora uma ora outra perna. Exercício muscular demorado e muito cómico. A espaços, bebem golos de água por tigelas minúsculas e salpicam o corpo de sal, friccionando-se. Novos exercícios, e mais algumas tigelinhas de água. Novos borrifos.

Começará agora a luta?...

Frente a frente, dois lutadores agacham-se, punhos cerrados...

Os dois colossos aproximam-se, a pouco e pouco. Entreolham-se. Medem-se. Ei-los juntos. Um longo silêncio. Um leve arremêsso de luta. Mas desistem. Voltam aos seus pilares. E de novo se exercitam, batendo com os pés na arena. Um dêles esfrega-se demoradamente com sal, às mancheias.

Repete-se a scena três, quatro, cinco e mais vezes. Até que num dado momento se engalfinham e rápidamente resolvem a luta. O desfêcho é inesperado, precipitado.

A multidão delira. Um vozerio infernal que só se detem ante o esganiçar frenético do pregoeiro invisível, mandando dois outros lutadores para a arena.

E decorrem horas. Já assistimos a meia dúzia de *matches*. Estamos fatigados, da tensão nervosa e da vigília. Deve ser dia claro. Queremos voltar.

. . . . . .

Ainda chamejam lanternas pelas ruas silenciosas, mergulhadas na treva do nevoeiro. Cruzamos com *jin-rickshas*, em vertigem para o «Kokugi-kwan». O frio e o cansaço entorpecem-nos a um canto do automóvel, que roda lento.

Sumôtori! Sumôtori! Que visão confusa, a da luta, a das casas de chá, pejadas de povo, a dos Kimonos multicôres!...

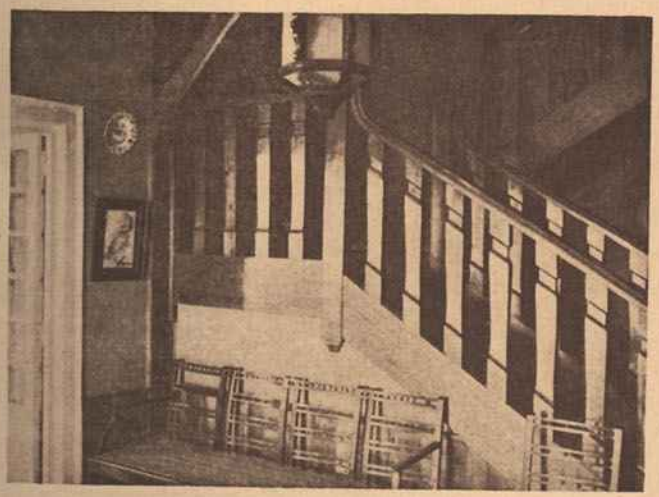
Só a voz aguda, fina e penetrante do *Yobidashi* nos verruma o cérebro como se o Deus de Nihon trovejasse num campo de batalha...

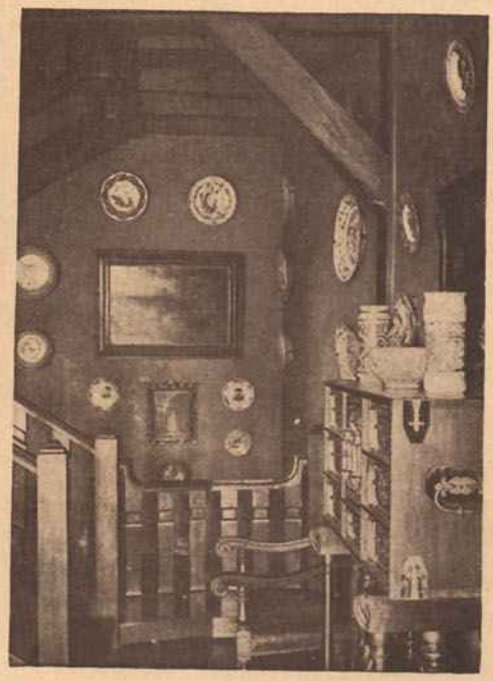
CARLOS ABREU.

A CASA PORTUGUESA

CASA DO SR. FORTUNATO ABECASSIS, LISBOA

Na sala de estar, um fôrro de madeira aumenta muito o conchego do recanto onde se instalou o adorável fogão. Desta sala se passa ao terraço que domina o jardim. Pilares de alvenaria e a latada vestida de trepadeiras dão a esta saída os encantos duma casa de campo, onde outro proprietário de menos bom gôsto se contentaria com a usual e inóspita escada de ferro





Muito feliz é a disposição da escada que liga os três andares. Suavíssima no passo, é toda construída de acácia dos Açores cujo tom ambreado sobresai do verde baço das paredes. Note-se a graciosa cancela para vedar a passagem às criancinhas da casa

O BELO E O HORRIVEL

Escusado seria dizer que se trata do Belo e do Horrível na América do Norte, país em que tudo é grande, desde a extensão territorial ao valor da moeda e em que, por isso mesmo certamente, os extremos nunca se tocam, continuando indefinidamente a sua progressão de grandeza.

Mesmo com gemente esfôrço da nossa imaginação não conseguimos dar-nos uma idea do que será, por exemplo, uma fabricação diária de milhares de automóveis, ainda que sejam do tipo ligeiro dos que produz o engenhoso Ford, tão frágeis e simples que chegam a dar a impressão de serem de desarmar e de meter no bôlso. Não entendemos fàcilmente como se pode levantar em dois ou três meses um daqueles prédios newyorkinos, que abrigam uma população mais densa que qualquer dos mais habitados bairros de Lisboa. Pasmamos sinceramente da monumentalidade dos célebres matadouros de Chicago, onde um boi leva menos tempo a transformar-se em vaca de consumo do que uma galinha europea a estar apta a fornecer a canja para o jantar.

Nós, europeus lentos e comedidos, para escondermos a nossa desvairada surprêsa perante estas enormidades americanas, refugiâmo-nos no abrigo fácil da «blague», atribuindo à inventiva *yankee* a máquina famosa de salchicharia, em que se mete por um lado o porco, vivo e grunhindo e de que saem, pela parte oposta, os chouriços já feitos, os presuntos já curados e até fiambre já partido às fatias, com a faculdade de, em caso de não satisfazer a produção, dar à manivela em sentido contrário, voltando a sair, por onde havia entrado, o rosado cerdo, vivo e grunhindo.

A grandeza norte-americana, porém, resiste fàcilmente a estas *blagues* e parece, até, que se regosija em lhes opor uma ância cada vez maior de realizar o grandioso e o inverosímil, seja o canal do Panamá, seja a máquina de falar com os mortos, que se diz ter Edison descoberto há pouco.

«Miss América» primeiro prémio de Beleza de 1926

O tímido e horrível «alligator mississipiensis»

O facto é que a Norte-América é grande por acção do homem, na disposição da lei e por natureza, principalmente por natureza. Atente-se nos dois extremos da Beleza e da Fealdade, que gravamos nesta página e verificar-se há como a Natureza é, na América, a cooperadora, a sugestionadora, melhor dizendo, da acção do Homem.

Miss Norma Smallwood de Tulsa foi, em 1926, a primeira classificada no concurso anual de beleza feminina dos Estados Unidos. Deteve durante o ano, que findou, o título honroso e disputado de «Miss América» que se outorga às vencedoras dêsses certames de beleza. Outra lhe disputará, êste ano, a glória de mais formosa, mas ter sido a vencedora, uma vez só que seja na vida, deve importar para o orgulho feminino melhor compensação que as condecorações várias oferecem à vaidade masculina, porque ser a mais bela entre milhares de mulheres é bem mais lisonjeiro do que ser mais um comendador entre milhões de comendadores.

Em contraste com a graça e a beleza de Miss América, o feiíssimo crocodilo evoca um extremo de horrível, que não exclui grandiosidade.

Pois, a pesar do seu aspecto que repele e amedronta, é um tímido êsse «alligator mississipiensis», espécie que infesta o delta do Mississipi, mas que por timidez se refugia nas águas doces. O exemplar que a nossa gravura apresenta foi descoberto pelos operários que se ocupavam em esgotar um pântano, na Flórida. Foi apanhado vivo e transportado para o Jardim Zoológico de Cincinati. Tem 4 metros e meio de comprimento, pesa uma tonelada e é possuidor duma explêndida dentadura, em que mostra dentes com oito centímetros à vista. A pesar de tão bem dotado, os peritos, que lhe examinaram a pele, são de opinião de que êste crocodilo, que diríamos fantástico, deve contar mais de cem anos de idade.

Verifica-se a nossa premissa: na América tudo é grande, até a vida dos crocodilos.

BELEZA FEMININA

CONCURSO INTERNACIONAL ENTRE INGLATERRA, FRANÇA E AMÉRICA

As nossas gravuras representam: Três das concorrentes — uma das inglesas escolhidas para concorrer e um grupo também de inglesas escolhidas para o mesmo fim

AS QUIMERAS

«A Leôa»

Nisto de ir a Paris, os portugueses, principalmente os portugueses de Lisboa, apresentam-se em dois tipos bem definidos, que Eça de Queirós caracterisou e fixou na «Reliquia»: o *Rinchão*, que foi e que de lá voltou a contar coisas estupendas de restaurantes e de aventuras e o *Raposão*, que, não podendo remover a imperativa resistência da tia Patrocinio ao impúdico desejo de «ver Paris», se limita a sonhar e a desejar coisas ainda mais estupendas.

Raro é o afortunado viajante do tipo «Rinchão» que, ao desembarcar na cidade-iman, não corre logo a comprar bilhete para ir ver a Mistinguett, veneranda reliquia do *music-hall*, que o *Moulin Rouge* paga a pêso de ouro, na certeza dum largo reembôlso pela afluência de espectadores de tôdas as partes do mundo onde chegou a fama da artista e dos seus contornos, um pouco já através da tradição.

Mas mais raro é o viajante do mesmo tipo que às suas horas de Paris tira uma hora, para percorrer as naves veneráveis de «Notre-Dame» e para subir até às tôrres, a lançar um olhar sôbre a Cidade-Luz, que lá do alto é tão apagada e cinzenta como um burgo qualquer, sem tradições de brilho.

E, no entanto, como repouso de espirito e como suave momento de evocação, a subida às tôrres de «Notre-Dame» vale bem o esfôrço ofegante de trepar os cento e tantos degraus que nos levam do nível da rua à plataforma, que corôa as tôrres da catedral de Paris.

Mesmo para quem não tenha outros intuitos senão o de apreciar a «linda vista», designando com dedo certeiro os edifícios que imergem do mar de ardósias e zincos e da floresta de canudos de ferro, que constituem os altos da cidade, vale a pena a ascenção, que se torna, mesmo, imprescindível para aqueles que leram o seu Hugo — porque se pode estar ao corrente da pacotilha moderna de Maurice De Kobra, sem deixar de ter lido e meditado o velho Vitor Hugo.

Para êsses, para os que esquecem, por um momento, as «bôites», Montmartre, o «boulevard» e outras atracções, para mais à vontade evocarem a teoria de fantasmas que deslisam, sem ruido e lentamente, sôbre o fundo pardo e nevoento do Passado, subir às tôrres de «Notre-Dame» é procurar o convívio do Quasimodo disforme e do concentrado Claudio Frollo, é surpreender o claro relâmpago dos olhos da Esmeralda, é mesmo assinalar, na fantasia evocadora, os recantos onde Djali, a cabrinha mágica, gostaria de estirar-se, ao sol.

Êsses espíritos, mais bem formados ou mais curiosos, poderão encontrar ainda, nas tôrres de «Notre-Dame», uma consoladora surprêza: uma mulherzinha morena e pequenina, amável, sorridente, que instalou o seu estabelecimento de postais e vistas num cubículo duma das tôrres e que se encarrega de mostrar aos visitantes a célebre «Jacqueline», o mais grave dos bordões do carrilhão da igreja, sino monstro sob cuja campânula uma familia numerosa pode trocar as suas impressões sem se acotovelar. Essa criaturinha de meia idade e sorriso acolhedor é, certamente, a única pessoa em Paris que, exercendo funções de servir, se debate em agradecimentos e recusas para aceitar uma gorjeta. Foi talvez por isso, pela sua marcada relutância ao «pourboire» que a desterraram para o alto das tôrres de «Notre-Dame», não fôsse o seu exemplo ser funesto à rendosa indústria de receber gorjetas,

A Quimera curiosa

que é uma das grandes fontes de receita do bom povo de Paris.

Tem sensiveis delicadezas a extranha «cicerone» das tôrres de «Notre-Dame». Amando as velhas pedras entre as quais lhe decorre a vida, são-lhe importunos os visitantes que se contentam com chegar à balaustrada, a circunvagar o olhar por sôbre o casario, a assinalar a Tôrre Eiffel, e a localisar, num pouco mais ou menos que quási sempre é errado, o hotel onde estão alojados. Foi ela que me fêz notar como era incómodo para a evocação das figuras, com que a fantasia de Vitor Hugo povoou a catedral, o

«O Advogado»

DE NOTRE-DAME

Um outro «Advogado»

ruído dos «autobus» e dos automóveis que em baixo, na praça, deslisam como escaravelhos atacados da loucura da velocidade.

Foi por ela que eu me familiarisei com as Quimeras, que rematam os ângulos reintrantes e salientes da balaustrada, que cerca como um diadema de esculturas a plataforma em que assentam as tôrres macissas e quadradas. Vendo-me interessado, apontou-me algumas Quimeras, a que o povo anónimo e sempre pitoresco pôs alcunhas curiosas: *Le Penseur, L'Avocat, La Norme, L'Avare* .. E como eu, quando ela me apresentou o Advogado, tivesse tirado risonhamente o meu chapéu, num cumprimento zombeteiro ao venerável colega de granito, a pobre criaturinha, tôda confusa pela sua involuntária «gaffe», desfêz-se em desculpas, como se fôsse sua a responsabilidade da coincidência inofensiva. Certamente para me indemnisar, facultou-me a volta das duas tôrres, que uma cancela ciosamente cerra à curiosidade dos visitantes, por imposição do Ministério da Instrução e Belas Artes, que a tal extremo deve ter sido levado para evitar os clássicos vandalismos do turista, que não hesita em mutilar um ornato ou uma estátua, para levar uma recordação ou em raspar a «patine» duma parede, que os séculos respeitaram e revestiram de tradição, para gravar o seu nome e a data, para êle, turista, memorável entre tôdas, como se à posteridade interessasse saber com exacta certeza em que dia, de que mês e de que ano, um Smith, um Dupont, um Schmidt, um Perez ou um Lopes deram a «Notre-Dame» a honra da sua visita.

* * *

Assim eu travei conhecimento com tôdas as Quimeras que orlam a balaustrada superior de Nossa Senhora de Paris.

Num passeio tão lento quanto a pressa, que a «cicerone» me pedira, me permitia fui do «Boi», já meio devorado pela lepra do granito, ao «Cerbêro» de três fauces, cuja alvura indica uma substituição recente, o que é sempre desagradável entre pedras patinadas por longos séculos de exposição ao tempo.

«A monja»

Surpreendi o gesto vivo e adunco, a atenção interesseira do «Judeu» ou «Avaro», como lhe chama o povo. Detive-me ao lado dessa Quimera sem nome, que por cima dos telhados da igreja olha a cidade de lado, como se a sua atenção fôsse chamada por um ruído de motim. E como a sua expressão é tôda de curiosidade, o remoto artista que a esculpiu talhou no granito uns seios, para mostrar que a curiosidade é, essencialmente, um atributo feminino.

Que pródiga variedade de expressões, que fundos entalhes de anatomias!

Em certas Quimeras, o desgaste da chuva pôs já à vista a camada da pedra em que há incrustações de conchas e, no entanto, as curvas e as rectas que marcam musculaturas e ossos guardam ainda um relêvo que dir-se-ia talhado na véspera pelo cinzel do escultor.

A livre fantasia criadora dos artistas da pedra, que nunca foi mais livre do que na Idade das grandes catedrais góticas, tem nalgumas Quimeras aspectos de previsão e ensinamento. Êsse diabo alado, de chifres plantados numa vasta tonsura de frade, a que o povo chama «O Pensador», olha Paris com uma expressão de comentário filosófico que parece intencional.

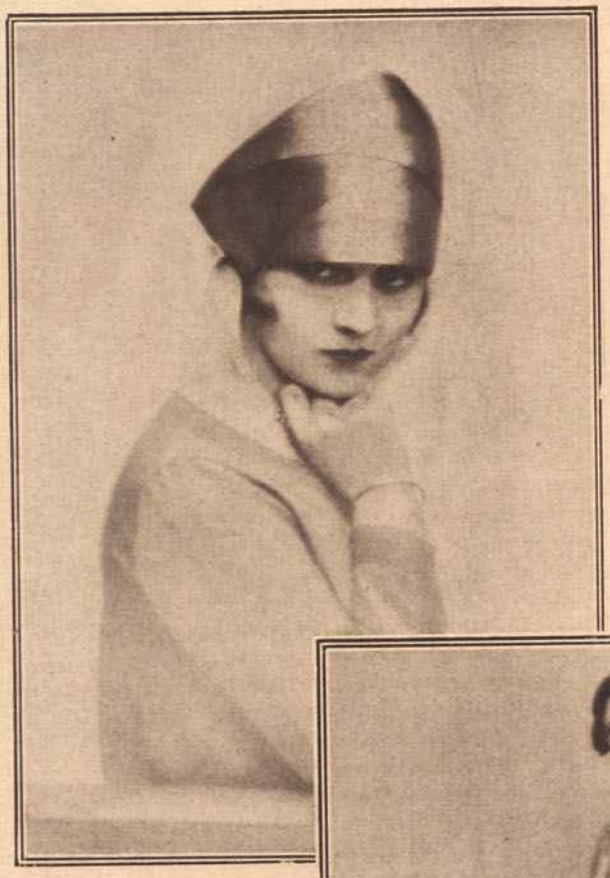
No ângulo oposto ao do «Pensador» é o «Advogado», que num gesto enérgico, acusa e defende. E na sua cabeça extranha de bode infernal pode também ver um símbolo quem quiser dar-se a interpretações.

As cabeças e corpos de animais abundam entre as fantasias das Quimeras. O «Elefante», o «Macaco», a «Leôa» e as aves fantasiosas, bordam a estreita balaustrada e tôdas, excepto a Quimera curiosa, olham a cidade, em baixo, que com o andar dos tempos foi alastrando a sua mancha cinzenta e triste, pelas margens do Sena, até tão longe que só o filosófico «Pensador» conseguiu não a perder de vista.

FELICIANO SANTOS.

«O Pensador»

A MODA



Há muito já que a Moda adoptou um inteligente eclectismo propício a todos os gostos, fantasias e conveniências. E, firme no propósito de agradar a todos, sem prejuízo da sua irrequieta ância de novidade, mais e mais tem subordinado as suas criações à regência de tão sábia quanto cómoda latitude em questão de gostos e preferências de elegância.

Não se depreenda disto, porêm, que hoje, mercê da indulgência da moda, cada qual pode vestir como melhor lhe aprouver, sem dependência de normas delimitantes, ou de traçados esquemáticos de silhueta. Não é assim. Na tecnologia da moda actual, há lugar para todos os gostos, para tôdas as preferências, fantasias e originalidades, desde que se subordinem a uma determinada linha geral que as contêm a dentro das barreiras dêsse modernismo flagrante e distinto, acusador da sua actualidade.

É assim que a linha esguia predomina e rege tôdas as criações da moda vigente. E todavia não obsta a que entre as colecções mais recentes se nos deparem modêlos amplamente rodados, que à primeira vista parecem outras tantas afirmações da rebelião contra a forma esguia adoptada. Confessaremos, porêm, que êsses modêlos, a despeito da sua rodada sáia, guardam um impressionante cunho de *élancement*, tal como a idea da última moda impõe como condição de elegância. É que tudo se pode conseguir, desde que a inteligência e o sentimento estético presidam aos intentos da elegância, do *chic*, a que nos abalançamos.

Assim a linha esbelta, esguia, adoptada pela alta elegância, em nada é prejudicada com a admissão dos franzidos, folhos, *ruchês*, *draperies*, etc., que a moda dispersa por tôdas as toilettes de grande cerimónia, a quebrar, com a graciosidade leve das ondulações dos tecidos e rendas, a rigidez do aspecto esguio.

Os dois modêlos que publicamos hoje, por exemplo, mostram como se pode conseguir o efeito *élancé*, casando-o com a franca admissão de folhos e franzidos.

O primeiro é uma encantadora toilette de baile, cujo corpo alongando-se à frente, em parte, até meio da sáia, é de *broché* de seda

EM PARIS

e oiro. A sáia de georgette amarelo oiro, fica quási completamente oculta sob dois largos folhos do mesmo georgette, cortados ligeiramente em forma, que acompanham na frente o movimento do corpo. Um cinto de georgette negligentemente atado ao lado, marca o *blousant* do corpo sôbre as ancas.

Poderiamos imaginar um conjunto mais impressionantemente elegante, artístico e distinto, e ao mesmo tempo marcado por uma singeleza de linha verdadeiramente encantadora?

O segundo modêlo, que em nada, pelo que respeita a elegância e ao *chic*, desmerece do seu antecessor, é todo executado com georgette côr de rosa pálida, conseguindo um efeito deliciosamente juvenil, com a levesa dos folhos que o ornamentam e a nota viva, fresca, do *bouquet* de flores policromas rematando o cinto.

Em qualquer dêstes modêlos a simplicidade discreta sobreleva a sumptuosidade dos tecidos.

Pelo que respeita aos chapéos, a moda afirma os mesmos intentos de sóbria distinção. Nada de plumas, de *aigrettes*, ou complicadas guarnições. Uma *draperie*, artisticamente disposta, um simples regaçado da copa, depois de se estudar a expressão fisionómica da pessoa a quem o modêlo é destinado, constituem, por assim dizer, os factores primordiais da ornamentação dos chapéos mais modernos. O veludo, sempre tão propicio ao realce de um lindo rôsto, e as fitas, que tanto favorecem os arrojos da fantasia, são os principais elementos de composição dos chapéos modernos, depois dos feltros, é claro. Os quatro modêlos que publicamos, mostram a extrema simplicidade de forma que a moda de momento requer para os chapéos, quer se trate de modêlos destinados a acompanharem toilettes de cerimónia, ou de simples vestidos práticos.

E para que desejariamos nós as complicadas ornamentações nos chapéos, se assim, tais como hoje nos são oferecidos, êles nos favorecem infinitamente mais do que os seus predecessores do tempo das plumas, dos laços e das aigrettes?

REGISTOS DE AZULEJOS

Lisboa era, ainda há pouco tempo, um repositório gracioso de composições de azulejo, estranho tratado de iconografia e indumentária que não encontrava similar em livros da especialidade, porque assuntos dêstes, rarissimo preocuparam os nossos escritores históricos. Essa nota de pitoresco que iluminava a cidade de graça e de colorido vai-se perdendo, à medida que o camartelo municipal e a voracidade construtiva do particular vai exercendo a sua acção destruidora, mixto da inconsciência e de mal contida irreverência.

Os bairros da Mouraria, Alfama e Madragôa, as eminências do Monte, Penha de França e Graça, a encosta enxameante de casario do Bairro Alto são as páginas mais completas, mais risonhas de registos de azulejos, os locais mais fecundos dessa imaginária popular onde ao lado de produções exquisitas e tôscas se revelam verdadeiros lampejos de inspiração dos pincéis ceramistas. A fantasia do artista corre velós, muitas vezes, e daí a divergência nas pinturas, principalmente no que respeita aos atributos da santidade. A expressão rostral tem modalidades bizarras, vincos de carácter que definem a alma dessas figuras torturadas pelos cilícios e cujo êxtase da eternidade encheu, ao sabor dos cronistas, muitos capitulos das histórias conventuais!

O manancial era tão rico nas edificações citadinas que, ainda hoje, a despeito de tamanhas mutilações, o que resta nas ruas de Lisboa, na parte antiga, serve ao comentário ameno, fixa elementos curiosos, define até tendências artísticas. Cidade martirisada por abalos sísmicos, cuja recordação maior se gravou desde 1755 pela sofreguidão das chamas que dovoraram tantos edifícios, é S. Marçal o inspirador clemente de tantas produções cerâmicas.

O habitante lisboeta confiou do Santo, a defesa das suas casas e o curioso que percorra velhos arruamentos deparará a todo o passo com S. Marçal revestido dos seus atributos e vestes, sentinela que espreita o perigo do fogo. Na hierarquia admirativa é êle «alpha» nos registos que a devoção trouxe à frontaria das suas casas. Depois, na escala da homenagem, aparece a Virgem considerada na sua trajectória de mulher e de santa. Mas o azulejador de Lisboa, subordinou essa evolução humana e mística à evocação dos templos onde ela reina numa modalisação especial, levando longe até o seu primor de localisação. Nos arruamentos arejados da Penha de França descortina-se aqui e ali a Senhora da Penha com o «lagarto» tradicional estendendo sob os seus pés a cauda acenante. Nossa Senhora do Monte-Carmo aparece de preferência nas cercanias da sua igrejinha e do vetusto convento onde Fr. Nuno de Santa Maria acabou a resar.

Só a Conceição da Virgem surge em todos os recantos da cidade, porque em todos êles há museus e a origem da maternidade não podia deixar de ter o devido relêvo preitual!

S. Francisco e S. José ocupam um bom lugar no registo de azulejo, o primeiro visto através dos seus desdobramentos, Assis, Paula, Xavier e Borja. Todo êste mostruário magnífico, embebido em geral em frontaria, humildes, porque nos palácios a cerâmica desta espécie, confinou-se nos altos e baixos lambris e nas paredes das chaminés, é um variegado poema de côr. Cartoouchs elegantíssimas de traçado subtil, albarradas esbeltas, molduras simples legendadas abraçam, ornamentam, completam a composição onde a simplicidade da oração expressa nas iniciais *P. N.-A. M. Laus Deo* convida o transeunte a reparar nos mistérios da santidade, e em tempos idos a persignar-se. O recurso e a intenção do artista cerâmico são caprichosos, vai desde a pequenina obra de quatro azulejos até à grandiosa concepção que forra uma grande parte da parede da fachada cantante de policromia ou ascencional de azul puríssimo, quási sempre a caracterizar a Virgem da Conceição.

Mas, nestes domínios curiosíssimos do registo de azulejos de que ainda alguns espécimes curiosos existem para nos sorrirem quando passamos, há uma nota exquisita que ainda ninguem marcou pelo que ela representa de raro e inexplicável: é que sendo Lisboa uma cidade em que o culto do Taumaturgo Santo António tem atingido de longa data um volume tão apreciável, dificilmente se encontra um registo com êste Santo, e agora ainda menos, depois que arrancaram das imediações da sua casa o formosissimo registo que tôda a gente olhava enlevada no prédio que quási olha para a igreja que a vereação actual mandou reabrir.

Comparável a esta recordação dolorosa só uma outra se nos afigura mencionável: é a do preciosissimo registo representando uma custódia policroma que dava um pitoresco inconfundível ao airoso prédio seiscentista da Rua dos Cegos.

Lisboa vai assim, a pouco e pouco, emudecendo na linda e expressiva linguagem dos seus azulejos e quando o Progresso a tiver rasgado de artérias espaçosas terá desaparecido um dos seus motivos de colorido de maior interêsse e de mais encantadora sugestão!

NOGUEIRA DE BRITO.

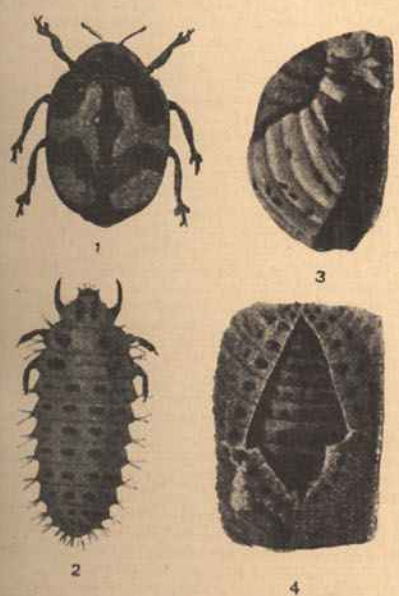
NÓS E OS INSECTOS

O homem conquistou a Terra a pesar de ter como inimigos animais de muito maior poder. Reduziu uns a estado de domesticidade, acantonou outros em regiões apertadas do Globo, e firmou sôbre todos o seu domínio, mercê do engenho que lhe supriu a escassez de fôrças naturais. Intitulou-se, por isso, rei da Criação:

«A fala foi dada ao homem,
Rei dos outros animais.»

E dispôs da Terra, modificando a relação numérica que as espécies de animais e de plantas tinham umas com as outras, quer dizer, multiplicando as que lhe eram úteis à custa das que considerava prejudiciais. A Terra passou a ser a morada do homem, onde êle consente que haja exemplares da espécie bovina porque lhes utiliza a carne, o leite e o couro, e permite que se oiça ainda em certas regiões o rugir do leão para que êste lhe recorde a sua vitória, como um prisioneiro que se fisesse lembrar ao seu inimigo vitorioso despertando os ecos do interior de um cárcere.

No entanto existe ainda uma classe de animais que tenta disputar ao Homem o seu domínio terrestre. É a dos insectos. Já a bela fantasia de Wells tinha criado na Lua um



NOVIUS CARDINALIS

1 Novius adulto — 2 Lana — 3 Ninfa — 4 *Icerya* adulta com ovos de *Novius*

Mundo de insectos. A evolução dos seres que tinha dotado com aptidões superiores um mamífero, na nossa Terra, tinha seguido via diferente no mundo lunar, dando aos insectos as faculdades de inteligência necessárias para a criação duma civilização superior. Aí, na Lua, eram êles quem governava, quem construia habitações, quem devassava os segredos da natureza, quem tinha reduzido os animais de outras classes à servidão.

Afastada, porém, tôda a fantasia, e examinando bem o que se passa na terra, temos que considerar os insectos como os mais temíveis adversários do nosso domínio. Conseguimos, de facto, tirar a uns o mel que fabricam para seu consumo, a outros a sêda com que constroem os seus casulos; mas também êles nos tomam grande parte das nossas colheitas e nos combatem directamente como transmissores de graves doenças.

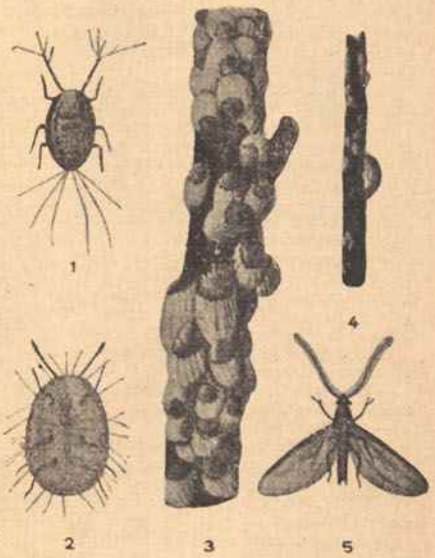
Nesta luta travada entre os insectos e os Homens os primeiros teem duas grandes vantagens: o seu formidável poder de reprodução, visto que uma só fêmea consegue gerar milhões de novos seres, e a multiplicidade das suas formas que lhes permite a adaptação às várias condições da vida terrestre; o Homem tem por seu lado, a boa fortuna de ser auxiliado pelas aves e por outros insectos.

É mercê dêste auxilio que êle, por algumas vezes, tem podido defender as suas colheitas. O exemplo mais conhecido e frisante é o da luta contra a *Icerya*, insecto australiano importado na Califórnia onde atacou violentamente os laranjais e os destruiria inteiramente se não tivesse sido dominado.

Sob a ameaça do perigo, os americanos foram estudar o invasor no seu país de origem, onde não constitui um prejuizo sério, e aí descobriram que êle, por seu lado, tem um inimigo que o combate eficazmente, uma «Louva-a-Deus», a que, por motivo da sua côr rútila, baptisaram com o nome de *Novius cardinalis*. Esta espécie foi levada para a América e lançada nos pomares, aí se reproduziu, e perseguiu a *Icerya*, como fazia na Austrália. Assim se salvaram os laranjais da Califórnia.

As várias espécies de seres, animais carnívoros, animais herbivoros, plantas, parasitas, vivem em equilíbrio formado há longos séculos. Mas veio o homem, procurando adaptar a Terra para as suas utilidades sómente, e desfez êsse equilíbrio. Protegeu umas plantas, disseminando-as, perseguiu outras, e levou algumas a regiões onde nunca existiram. Com isso permitiu que certos insectos acantonados em regiões limitadas do Globo encontrassem depois boas condições de vida em pontos onde até então não tinham meios de subsistência. Alguns foram levados para climas mais favoráveis, que melhor se prestavam à sua pululação; outros para pontos onde não existiam os seus inimigos tradicionais, e foi êsse o caso da *Icerya*.

Aos ataques que lhe eram feitos, o Homem respondeu com processos de defesa muito variáveis: Um dêles é o pousio, que deixando, por um ou mais anos, o mesmo campo sem a espécie de plantas que o insecto prefere, domina êste pela fome. Semelhantemente actua a chamada cultura alternada, isto é, a sementeira do campo feita todos os anos, mas não da mesma espécie



ICERYA PURCHASI

1 Primeira fase larvar — 2 Terceira fase larvar — 3 Ramo infestado de *Icerya* — 4 Ramo com uma *Icerya* adulta e algumas larvas — 5 Exemplar masculino de *Icerya*

vegetal em anos seguidos. É também empregada a selecção de variedades resistentes, e foi por essa forma que se replantaram os vinhedos com plantas que não sucumbem aos ataques do filoxera. Mas o processo de luta mais elegante é, sem dúvida, o que os americanos usaram para defender os laranjais da Califórnia.

Mais tarde, um outro insecto, um *Bombyx*, veio alarmar os agricultores do Norte da América. É êle originário da Europa onde os prejuízos que causa só se tornam sensíveis de anos a anos; mas com a sua chegada ao Novo Mundo aumentou de vigor reprodutivo, e as suas lagartas devoraram as fôlhas das árvores matando-as aos milhares.

Espalhou-se então pela Europa e pela Ásia um exército de entomologistas procurando os inimigos tradicionais do *Bombyx* em questão e expedindo-os para a América. São várias espécies de animais, uns que caçam a lagarta, outros que destroem os ovos, outros que atacam o insecto perfeito, e tôdas elas se vão espalhando pelas matas infestadas, para que destruam o terrível insecto que resistiu a uma campanha em que foram gastos milhões do dólars.

F. MIRA.

SERMÃO DOS MILAGRES

No ano anterior coubera a mordomia aos Madruços e Bitolas, por sua fé progressistas, andava no corrente em mãos dos Rogérios e Craveiros ortodoxos regeneradores. Isto aconteceu nos tempos em que essas duas verdades definitivas bastavam ao sustento da sabedoria da nação.

Melhor cibo não logravam as almas para satisfazerem a necessidade de birrar e detestar.

Assim, à festa dos progressistas, manchada por um prègador magro e triste que deixára adormecer o mulherio pouco adiante do escaradoiro, opunham regeneradores:

— Heis-de ver os Rogérios.

Prometiam entremez, filarmónica do regimento, e para relatar os Milagres da Senhora uma loquela de raros conhecida, o padre Marujinho, coisa de maior fama então pelos púlpitos da Beira Alta.

Dos tendenciosos boatos não colhera gôsto o comando regenerador da freguezia das Ribas. Desmentiam os Craveiros, quesilavam os Rogérios contra a basófia dos amigos politicos, francos na liberalidade por conta alheia.

Do medo aproveitou a gente Bitolas, em apoucamento dos contrários. De tal modo avolumou a murmuração que os Rogérios trocando lama por alma investiram:

— O que tem de acontecer sabêmo-lo nós.

Uma vez caída da bôca a indicação misteriosa, ficou de penhor a dignidade partidária.

Eles o entenderam e fizeram entender aos Craveiros.

— Caramba! Somos quatro homens. A duas libras cada um...

— Arre!

Foi o brado do Craveiro mais novo, unhas de fome, usurário, por alcunha o «Cinco-réis-trocados».

— Vê lá, não tenhas de vender a mula...

— Homens, cada um sabe do seu govêrno...

De mais ânimo os Rogérios confiaram nos Milagres da Senhora para bom sustento dos brios de quatro regeneradores, metidos numa aventura. Vinha longe a festa e até à data podia algum morrer, caír a igreja por terramoto, ou acabar o mundo.

— Ora aí está, suspirou o «Cinco-réis».

Mordomos e gentiaga pelo indeciso das promessas se deixaram em anciedade, como o autor e assistência de peça a representar.

O ano correu suave, de regular fartura, saudável, sem desculpa, mais que todos para o Rogério mais novo. E então na hora própria, possível foi chamá-lo à concórdia.

A duas por cabeça, entraram as oito soberanas no saco para custear o que fôsse de correr a dinheiro.

Fogo de nove respostas, música do regimento, comédias, prègador, estabeleceram orçamento e breve começaram na roga do pessoal de arte considerado no programa.

Ora a música do regimento não levantava por menos de três amarelas. E uma vez prometida ao povo, esfregada na cara dos progressistas, que remédio?

Com o fogo sucedeu outro tanto, a despesa das comédias subia ao dôbro, mais hum, mais fum, haveria de estender-se o tributo, pois curta ficara a primeira finta.

— Que dianho, entra-se com outra ladra.

A proposta do Rogério, o mais franco, caiu-lhes como azia a meio da digestão.

A bôca do «Cinco-réis» parecia em luta com gáses interiores...

— Homes, homes...

A refertar despesas se demoraram sem irem a acêrto até que Rogério aborrecido clamou:

— Ou cortar a cabeça á noiva, ou os pés à burra!

Conseguiram levar o teimoso do «Cinco-réis» a arrancar de dentro das entranhas mais uma loira que ao desprender-se-lhe da mão o deixou exausto, a suar:

— E agora...

Fez o gesto: nem degolando-o. Acrescentou:

— Quem quizer milagres merque-os, mas com o seu dinheiro. Cantés uma pessoa a pagar festas e os outros a receberem da Senhora...

Tornou a gesticular por modo que lhe foram à mão pelo excesso de franquesa no seu trato com a Mãe do Salvador-do-Mundo.

Não foi demasiado o reforço da tesouraria. Posta de banda a meia libra para o prègador, não restava um cobre.

— E se o barsabum do padre Marujinho pede mais?

— Não se lhe dá.

— E ficamos sem êle, depois de afiançarmos botá-lo cá?

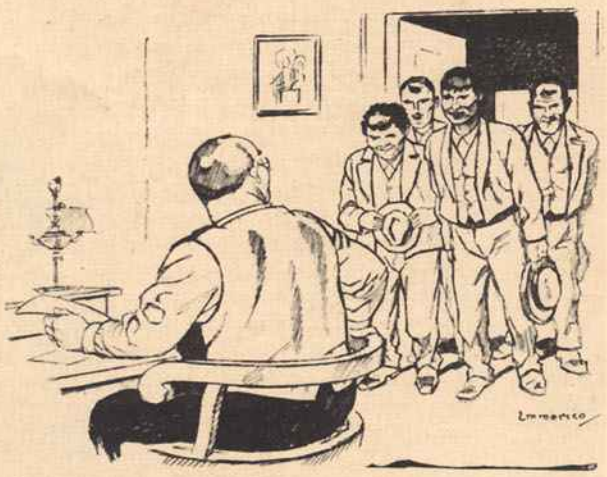
Perentório o «Cinco-réis-trocados» jurou:

— Inda's' que a Senhora se ponha aí a berrar que nem uma cabra...

Valia a pena estar com disputas? Se um sermão reles era duas corôas, coisa já limpa subia a três. Daí para cima, caramba .. Ora meia libra! Mais caro só se fôsse para pagar ao Padre Santo António.

— Às vezes...

Depois de bem gemido o problema resolveram que um certo dia próximo, de madrugada, abalassem serra fora a procurar e ajustar o grande Marujinho, pelo povo esperado com maior interêsse que as comédias, ou a banda do catorze.



Custou-lhes a dar com a terra, depois de terem batido solas por montes e vales até perto do meio-dia, calor de julho a fritar-lhes torresmos no cachaço, suados que nem cucas do rio Vouga.

A casa rebanhava com as outras do lugar, só a melhor um acrecente de prepianho, aburguezado por vidraças. Não metia medo a inculca. Subiram foitos, bateram as palmas em frente da porta mal cerrada, respondeu-lhes dentro, uma voz de bombardino.

Padre Marujinho, em mangas de camisa na sua cadeira de braços, a ler um manuscrito, saudou-os:

— Que manda a rapaziada?

Bôa disposição receberam do acolhimento os festeiros da Senhora dos Milagres, tanto na palavra aberta como no calhar da pessoa, um carão moreno de olhos pardos e dentuça grada de marfim novo.

Eles a limparem a rêpa húmida com os panos enegrados, a tossinharem seus cuspos para um recado limpo e Marujinho a chamar por uma cântara de vinho.

Cumprida a cerimónia da recusa, desalterados, reconhecida a excelência da bebida, tornou-lhes com a pergunta:

— Então?

— Pois vinhamos para um sermãosinho no terceiro Domingo de Agosto. Os Milagres de Ribas.

Consultou a folhinha, tardou a meditar e no fim lhes assegurou:

— Pode ser.

— E quanto é pelo seu serviço?

— Uma libra.

Caíu-lhes o pêso do telhado nos ombros. Mudos primeiro, depois gagos:

— E que... Ora uma destas...

Marujinho ergueu da cadeira atlético, espreguiçou-se, e franco os instruiu:

— O prègador nunca saí por menos.

— Nós cuidavamos... Uma desgraça assim...

Atlitos, momearam consultas entre os três. «Cinco-réis» bufava pelo nariz, olhos no chão, único conformado. A restante mordomia apertava as mãos, a cabeça, em gestos de implorar, não Marujinho invencível, uma divindade oculta, bastante poderosa para influir no ânimo adverso.

Pior, pior era acharem justo o pedido de uma libra, ou duas fôsse. A semelhante prègador, bastava vê-lo mecher um braço, abrir a bôca, logo uma alma se convertia. Nem êles sabiam porquê, era assim mesmo, coisas determinadas pelo Altíssimo.

Marujinho nunca presenceara tão lisonjeira mágua como a gemida nos lamentos:

— Tanto gôsto, tanta satisfação... Ai, que se um homem fôsse rico, não prantavamos uma, seriam duas, ou três, ou o que bondasse ao senhor para ficar pago e repago.

— Enfim, quanto supunham vocês?...

— Tinhamos meia libra... Queira perdoar, nós lá o vezo é, dez tostões o barato, e quinze o caro.

Marujinho apresentou-lhes um riso sonoro, belo, melhor que repenicado por cornetim.

Até isso os encantou. Que homem, que prègador! Disse-lhes o não com a cabeça, pesaroso, uma questão de princípios, coisa assente, todos sabiam.

Retiraram dali quebrados, aos tropeções nas próprias pernas.

Marujinho por dentro dos vidros espreitou-os na rua disputando, com gesto triste, vencidos do destino. Por cada passo miravam a janela e reuniam em pinha. Depois de longa conferência, um se achegou a propôr:

— Fica-se empenhado, mas acabou-se. O senhor vai-nos lá pelas seis corôas.

— Não posso, meus amigos, não posso.

Comunicada a resposta notou Marujinho do seu pôsto o desespêro, a lástima cruel daquelas quatro almas. Um dêles mordia a aba do chapeu de palha, outro puxou-lhe o braço num arranco de «vamos embora» definitivo.

Começaram marchando lentamente. Marujinho moveu-se então de piedade, abriu a janela, chamou-os.

— Pois ide socegados. Lá estarei à hora e farei o sermão da vossa meia libra.

Foi uma alegria, oh! que alegria! «Cinco-réis-trocados» beijou-lhe a mão. Clamaram:

— Ai que favor... Olhem a graça... Vejam que esmola!

— O senhor Padre Marujinho é regenerador?

— Não, sou progressista.

Embucharam, até que um dos Craveiros compôs o ramo:

— Pois é pena. Se fôsse regenerador havia de ir às Ribas pelas eleições para votarmos com o senhor.

Desta vez partiram contentes, pela rua fora.

Notou Marujinho que, adiante, um dêles alçára o dedo tolhendo-se em novo congresso, com masorrice e trejeitos de importante dúvida. Surpreendeu-o o torna-atrás por dois tomado.

Vindos à presença, abriam a bôca e só lhes faltava meterem o dedo na guela para tirarem o recado. Cara manhosa, tossinhavam...

Enfim um dêles articulou:

— Já agora faça-nos o favor completo. Nós também entendemos que sermão de meia libra faz sua diferença de sermão de libra. Cada coisa no seu valor. Mas pediamos a Vossa Rial Senhoria, há de desculpar, c'os dianhos. Era se o senhor metia algumas palavrinhas das de libra no sermãosinho. Era para o povo tirar mostras do que se entende por padre Marujinho a valer.

SAMUEL MAIA.

PONTOS DE VISTA

Quando o par passou por nós caminhando devagar para a saida acompanhado pelo «maitre d'hôtel» sorridente e obsequioso, fêz-se um silêncio em volta da mesa. Um silêncio hostil. Olhei para os meus companheiros e, mentalmente, encolhi os ombros. Percebi neles com clareza, admiração, desejo, inveja, uma má ironia e a incompreensão. Contra a esquina do cinzeiro quebrei a cinza do charuto seguindo com um último olhar o homem, e a mulher esplêndida, que acabavam de passar.

— Que mulher, caramba! — suspirou um dos convivas — quási que o compreendo!

E êste — quási — ergueu uma celeuma. Eramos quatro, eram três horas da madrugada, acabavamos de cear com champagne, e um certo calor capitoso dava brilho e excitava a verve dos meus três companheiros. A sala resplendente de luzes atenuadas pela nêvoa do fumo dos cigarros, vibrava e crepitava de vozes, das gargalhadas estridentes das mulheres, da música bárbara e desengonçada do Jazz. Ao centro dançava-se interminàvelmente. Os blues, os shimmys, os tangos e as contorsões macabro-grotescas do Charleston, sucediam-se num crescendo de febre, exaltados, enervados ao máximo pela música endemoninhada e discordante. As cambiantes dos focos eléctricos, ora de ouro ora de esmeralda, ora de rubis, ora opalescentes, mosqueavam fantomàticamente a multidão exacerbada de contactos, de vinho, de fumo e de venenos.

Mulheres semi-nuas deslizavam na mórbida quebreira dum tango com grandes olhos fixos e refulgentes e bôcas côr de sangue. Outras vagavam entre as mesas com um olhar ansioso e duro de animais de prêsa, e um ondular lento de quadris que lhes marcava as formas brutalmente fazendo rutilar os recames que lhes carregavam os vestidos.

À nossa mesa a questão azedava-se. Os meus companheiros marcavam cruelmente, com os ferros frios da ironia e da maledicência o homem que saira e a mulher que o acompanhava. Deixei-os discutir sem um protesto. O homem era meu amigo, a mulher, sua mulher. Generoso, independente, desprezando convenções, escolhera-a, tornara-a sua e com ela era feliz; que importava à sua felicidade, ao seu esplêndido isolamento, os ditos malévolos, picados no fundo de inveja, dos outros homens? Deixei-os portanto discorrer e disputar e concluir — mas, quando um dos convivas para reünir as suas impressões usou termos de torpeza, intervim:

— Vocês falam, falam, concluem e não sabem nada! Vocês que nada fazem no mundo de grande, quer no bem quer no mal, esfaqueiam pelas costas um homem que fêz qualquer coisa que o vosso miserável atavismo de prisões, e leis, e algemas morais vos impede sequer de compreender! Acusam o homem de taras, prestam à mulher um passado que fantasiam, cospem lama e parolam ôcamente, e não têm a decência elementar de, já que não compreendem, dizerem com modéstia: — Nós não teriamos, talvez, feito aquilo que êle fêz, mas êle que o fêz decerto lá tinha os seus motivos.

Um dos convivas interrompeu-me erguendo a mão, e confessou:

— Há, de facto, naquilo que diz um ponto razoável, é que não compreendemos; e além disso há também uma verdade, é que não sabemos a história com segurança, mas, em compensação existe o facto desagradável, indiscutível, do seu amigo ter tomado por mulher legal, à face dos homens e mesmo da Igreja uma... enfim... é hoje sua mulher, não direi a palavra...

Riram, e um dêles exclamou:

— Disseste-a!

Curvei-me sôbre a mesa, e afastando o balde faiscante onde gelava o vinho, contei-lhes a história simples, tal como a ela assistira, tal como a compreendera, tal como confidências do meu amigo insultado me a tinham feito perdoar.

— Foi há três anos... — Oh! a história é curta, mas encham-me o copo, pois quero ao terminá-la beber uma saúde! — Foi há três anos, aqui mesmo. Chegava duma longa viagem e sentia-me na cidade, um estranho. Pouca gente havia e eu estava só, maçado, farto da música, da confusão dos efeitos de luz, das gargalhadas sem alegria duma mão cheia de mulheres que, tôdas juntas, não valiam um esfôrço. De repente, vindo para mim, uma aparição! Pelo braço do meu amigo uma criatura soberba, e vocês sabem quanto ela o é, caminhava na minha direcção. Nunca a vira, bem entendido, mas classifiquei-a logo àparte de tôdas as outras. Pus-me de pé bruscamente, era uma mulher, fôsse ela o que fôsse, que não se podia receber senão de pé. Os seus olhos um segundo poisaram-se sôbre os meus, estudaram-me com uma interrogação aterrada, com infinita e súbita vergonha que um orgulho de aço não pôde disfarçar; e, ao abraçar o meu amigo, o único que então tinha na cidade, ouvi-lhe segredar-me uma vaga imploração:

— Homem, ajuda-me... Isto é um caso extraordinário e singularmente delicado.

Não compreendi, já se vê. Sentaram-se entretanto. Com um certo espalhafato chamei o «maitre d'hôtel» mandei vir a carta dos vinhos e a lista de iguarias.

Hirta, gelada, soberba, a mulher olhava em volta com o seu magnífico olhar de terror e de tragédia. Um momento voltou-se para o meu amigo, e vi-a acolher-se a êle, imperceptivelmente, instintivamente, como que procurando uma defeza.

Eu conversava vivamente, gracejava, contei-lhes episódios de jornadas longinquas: os trópicos, os mares de safira e cobalto das Antilhas, as grandes cidades dos outros continentes... que sei eu! Só desejava vê-la sorrir, fazê-la rir, animá-la, e todo o tempo a tratei como se trata uma rainha, o que, creiam-me, não me era custoso, a mim que entendo que se devem tratar as desgraçadas como Senhoras e as Senhoras como Rainhas! Fui talvez brilhante, o meu amigo não o foi menos, ou melhor, foi-o infinitamente mais. Pouco a pouco a soberba criatura pareceu ganhar confiança, o seu olhar de terror tinha uma luz menos dolorosa que me doia menos.

De repente, um homem passou num grupo, estacou, pasmando para nós, um segundo, com um gesto incrédulo de surprêsa. Afastaram-se e ouvi um riso de escârneo. A mulher baixou a cabeça, depois, olhando para o meu amigo com uma grande luz de renúncia nos olhos deslumbrantes, disse com simplicidade:

— Vê!... Tudo seria inútil, não podem compreender. — Mordeu um beiço e murmurou: — Quero ir-me embora.

Sem uma palavra o meu amigo ergueu-se, tomou-lhe a mão, curvou-se sôbre ela e beijou-lha. Eu fitava o grupo que junto à porta coxixava e nos olhava de soslaio. Entre nós a soberba criatura deixou aquela sala. No automóvel não trocámos uma única palavra. No Hall do Palace despedi-me murmurando nem sei o quê. O meu amigo dizia-lhe palavras que eu não ouvi, ela fêz um gesto de protesto, mas, a pesar do protesto, nunca esquecerei o olhar surpreendente de absoluta gratidão com que ela o despediu. Vimo-la entrar para o ascensor. Saímos. A noite estava fria, as ruas desertas. Lado a lado caminhámos em silêncio umas centenas de passos. Então o meu amigo parou, voltou-se para mim e perguntando-me tranqüilamente:

— Nunca a tinhas visto?

— Homem, nunca! Se cheguei há quatro dias!

— Nem retratos?

— Nem retratos...

— Não te direi o seu nome por enquanto, mas, dentro em oito dias aquela mulher que viste usará o meu nome... será minha mulher.

Fiz talvez um gesto de surprêsa, contive uma interrogação e curvei-me.

Êle continuou:

— Ês o meu único amigo, tens direito a saber quem é essa mulher.

Assenti sem responder.

Então, ainda com maior tranqüilidade, mas com uma intonação de respeito de cuja intensidade nunca me esquecerei, disse-me esta coisa prodigiosa:

— Há quinze dias, aquela mulher habitava a cela de um presídio onde vivia há dois anos por ter assassinado um homem!

Há coisas que não se ouvem a sangue frio, mesmo quando se está preparado a estranhas confidências. Recuei um passo, exclamei:

— Assassinado?!

— Assassinado, sim, um tiro em pleno coração! — Fêz uma pausa, continuou:

— Os homens togados condenaram-na, talvez contra vontade, mas, como a maioria dos homens eram mesquinhos e covardes, e o assassinado era de alta importância, e a família a que pertencia tinha uma antiga e vasta influência. — Vocês conhecem-no mal: o meu amigo não é como nós um exaltado, um verboso, um retórico meridional, mas, um súbito entusiasmo quebrou esplendidamente a sua reserva habitual, quando, violentamente, me contou o que lhes vou contar.

Aos vinte anos ela conheceu o seu futuro marido. Foi, de parte a parte, uma grande paixão; mas, na dela havia mais do que paixão, havia tudo quanto a pode embelezar: amor, esperança, fé inquebrantável e uma magnífica e límpida verdade; na dêle havia só paixão, desejo, vaidade e nada mais. Casaram. Êle possuía uma fortuna poderosa, ambos tinham a beleza, tinham tudo por êles, e êle tinha nela um tesouro raro como poucos homens na terra se podem gabar de ter tido. Êsse tesouro depressa o esbanjou. Foram para ela, sei-o, cinco anos prodigiosos. O prodígio para êle há muito que morrera; outros desejos o queimaram, e tinha outras vaidades para satisfazer. Educado, contudo, soube mentir e representar a comédia que salva aos olhos do mundo, que tantos representam, uns mal, outros bem, mas que é sempre descoberta quando as aparências de amor se defazem, e já se não pode esconder o tédio de viver ao lado de quem já se não gosta.

A sua fé no marido era um dogma; a sua lealdade não podia admitir uma deslealdade naquele em quem tinha pôsto a sua infinita confiança. E se alguém lhe tivesse afirmado quanto era enganada teria rido alto, alegremente, com perfeita segurança.

O resto é muito simples, banal, cotidiano, vulgar — um crime passional — como hoje se chamam êsses casos que destroem vidas e almas, que espatifam crenças, que mancham existências limpas, que deixam por êsse mundo desgraçados errantes, párias destroçados mortos emquanto vivem uma vida amarga de sangrentas saudades e trágicas revoltas que ninguém ousa perceber ou sabe perceber.

Um dia, flagrante, irrefutável, os seus olhos assombrados mostraram-lhe a prova do fim de tudo para ela. O que se passou na sua alma foi sem dúvida tremendo, e não compete a homens julgar tragédias de tal grandeza. Viu. E tendo visto matou! E eu aprovo e compreendo o seu gesto. De madrugada, simplesmente, indiferente a tudo, morta em plena vida, ferida abominàvelmente em todos os seus sentimentos, entregou-se à prisão. E os homens togados mesquinhos e covardes, fantoches movidos pelas molas do servilismo e auxiliados por leis grotescas, tiveram a bela coragem de a condenar de a macular, de a deshonrar!

As portas da galé abriram-se há quinze dias sôbre uma mulher desgraçada; e à porta não estava ninguém para lhe abrir os braços. Renegada, solitária, revoltada e pobre, encontrei-a por acaso, numa rua, junto ao rio... alta noite, e sei quanto esfôrço eu fiz para evitar que ela praticásse o que o seu desespêro lhe estava aconselhando. Há só quinze dias, mas, nesses quinze dias eu aprendi e tive a graça de compreender a quanto pode chegar a injustiça dos homens, a tremenda burla da vida. Aquela mulher merece renascer. Há quinze dias era um corpo sem alma, hoje ressuscita, dentro em oito dias será minha mulher, e sôbre a minha honra te juro que vou ter uma companheira como nem nos sonhos que todos fazemos de felicidade perfeita eu podia conceber; e pela minha honra te juro que ela vai ter em mim um homem que nunca lhe faltará! O mundo vai lançar-me torrentes de lama e soltar o grito de escândalo, mas o mundo meu velho, que é êle afinal? Escândalo e lama e nada mais, onde só sobrenadam, deslumbradoramente, aqueles que têm a coragem de o saber desprezar depois de o ter sofrido. E o meu amigo olhando-me com um olhar de glória, de triunfo e de fé, teve um riso soberbo de grande e limpa alegria ao estender-me a mão. E creiam vocês que nessa noite me pareceu que a vida afinal não é sempre sórdida, egoista, podre e criminosa.

Caramba! esta música rasga-me os ouvidos! São muito boas horas de fecharmos a noitada... Quem quer beber comigo à saúde daqueles que há pouco apunhalavam? Os meus três companheiros levantaram-se em silêncio por entre a balbúrdia do Jazz, as contorsões do Charleston, as gargalhadas discordantes das mulheres de rapina; e em silêncio bebemos, e a noitada findou.

ANTÓNIO D'EÇA DE QUEIRÓZ.

A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

(Continuação do n.º 24)

Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.

Regozijava-se de ter chegado a êste abrigo, sem primeiro se ter revelado ao mundo em qualquer das estranhas e perversas excentricidades a que se sentira continuamente impelido ao passar pelas ruas. Entrou no quarto familiar, e olhou em tôrno, para os livros, para as janelas, para o fogão, para as confortáveis tapeçarias das paredes, com a mesma sensação de estranheza que o havia acompanhado em todo o caminho da floresta para a cidade, e através da cidade até aqui. Aqui estudara e escrevera; aqui passara jejuns e vigílias, das quais saira semi-vivo; aqui tentara rezar; aqui suportara centenas de milhares de agonias! Ali estava a Bíblia no seu rico hebreu antigo, com Moisés e os Profetas a falar, e a voz de Deus através de tudo! Ali, sôbre a mesa, com a pena servida ao lado, estava um sermão por acabar, com o último período em meio, no ponto onde os seus pensamentos haviam cessado de correr para a página, dois dias antes. Bem sabia que era êle mesmo, o padre magro e pálido, que fizera e sofrera estas cousas, e escrevera até ali o Sermão da Eleição! Mas parecia agora estar de parte e fitar o seu ser anterior com uma curiosidade desdenhosa, compadecida, mas com certa mistura de inveja. Êsse ser desaparecera. Outro homem voltara da floresta — um homem que sabia mais — que conhecia mistérios ocultos a que a simplicidade do seu ser anterior nunca poderia ter chegado. ¡Mas como era amargo êsse conhecimento!

Estava ocupado nestas reflexões, quando ouviu bater à porta do gabinete. — Entrai! — disse o padre, com a vaga idea de que lhe poderia aparecer um espírito mau. E assim sucedeu! Foi o velho Roger Chillingworth que entrou. O padre ficou hirto, pálido e sem poder falar, com uma das mãos sôbre a Escritura hebraica, e a outra aberta sôbre o coração.

— Bemvindo a casa, reverendo senhor — disse o físico. — ¿E como encontraste aquele santo homem, o apóstolo Eliot? Mas parece-me, bom senhor, que estais pálido, como se a travessia do sertão vos houvesse custado muito. ¿Não precisareis do meu auxílio para ficardes com alma e fôrça para prègardes vosso Sermão da Eleição?

— Não, creio bem que não preciso — respondeu o reverendo sr. Dimmesdale. — Minha jornada, e a vista do santo apóstolo, e também o ar livre que respirei, fizeram-me bem, depois de tanto tempo estar aqui fechado. Creio não precisar mais de vossos remédios, meu bom físico, por bons que sejam, e ministrados por mão amiga.

Todo êste tempo esteve Roger Chillingworth a olhar para o padre com o olhar grave e atento do físico para o doente. Mas, a pesar destas aparências, o padre estava quási convencido de que o físico sabia, ou, pelo menos, confiadamente suspeitava do encontro que êle tivera com Hester Prynne. E o físico reconheceu que já não era para o padre um amigo de confiança, mas o pior dos inimigos. Parecia, pois, natural que alguma parte do que sentiam se manifestasse. É, porém, singular o tempo que muitas vezes passa primeiro que as palavras dêem corpo aos pensamentos; e a segurança com que duas pessoas, que preferem não tocar em certo assunto, se podem aproximar até a beira dêle e retirar-se sem lhe terem tocado. Assim, o padre não sentiu receio de que Roger Chillingworth se referisse, em palavras explícitas, à verdadeira situação em que se encontravam um para com o outro. Contudo, o físico, à sua maneira encoberta, chegou terrivelmente perto do segrêdo.

— ¿Não fôra melhor — disse êle — que usásseis esta noite de minha pobre arte? Em verdade, meu querido senhor, é preciso que vos façamos forte e vigoroso para esta ocasião do discurso da Eleição. O povo espera de vós grandes cousas, receando que possa vir outro ano e já não encontre aqui o seu pastor.

— Sim, por ter ido para outro mundo — respondeu o padre, com piedosa resignação. — Queira Deus que seja um mundo melhor; pois, em boa verdade, mal posso eu pensar em ficar entre o meu rebanho durante todo o curso das estações passageiras de mais outro ano! Mas, no tocante a vossos remédios, bom senhor, no meu presente estado de corpo, não tenho dêles precisão.

— Folgo de sabê-lo — respondeu o físico. — Pode ser que meus remédios, há tanto tempo ministrados em vão, comecem agora a produzir o desejado efeito. Feliz eu fôra, e bem merecedor da gratidão da Nova Inglaterra, se pudesse efectuar esta cura!

— Do coração vos agradeço, amigo sempre vigilante — disse o reverendo sr. Dimmesdale com um sorriso solene. — Eu vos agradeço, e não poderei pagar vossos bons ofícios senão com as minhas preces.

— As preces de um homem bom são uma recompensa de ouro! — respondeu Roger Chillingworth, despedindo-se. — Sim, são a moeda de ouro corrente da Nova Jerusalém, que tem estampado o sinal do Rei!

Quando ficou só, o padre chamou uma criada da casa, e pediu de comer; uma vez servido, comeu com apetite devorador. Depois, atirando ao lume as páginas já escritas do Sermão da Eleição, imediatamente começou outro, que escreveu com tão impulsivo curso de pensamento e de emoção, que se imaginou inspirado, passmando apenas de que o Céu achasse próprio transmitir a música solene de seus oráculos por tão vil instrumento como êle era. Deixando, porêm, que êsse mistério se resolvesse por si, ou ficasse para sempre sem explicação, prosseguiu na sua tarefa, pressuroso e arroubado.

Assim correu a noite, como se fôra um alado corcel que êle cavalgasse; veio a madrugada e, rubescente, espreitou através da cortina; e por fim se ergueu o sol, lançando um dardo de ouro pelo gabinete dentro, até os olhos deslumbrados do sacerdote. Ali estava êle ainda, com a pena ainda entre os dedos, e uma grande, uma enorme extensão de páginas escritas.

XXI

O DIA DE FESTA DA NOVA INGLATERRA

Na manhã do dia em que o novo governador ia receber o seu cargo das mãos do povo, Hester Prynne e a pequenina Pearl chegaram muito cedo à praça do mercado. Já a praça estava cheia de operários e outros habitantes plebeus da cidade, em grandes magotes, e entre êles viam-se também muitas figuras rudes, cujos trajos de pele de corça os denunciavam como pertencentes a alguma das colónias da floresta, que cercavam a pequena metrópole da Nova Inglaterra.

Neste dia de festa, como em tôdas as outras ocasiões havia sete anos, trajava Hester um vestido de grosseiro pano cinzento. Tanto pela côr como por qualquer indefinível peculiari-

dade do corte, tinha êste trajo o efeito de fazer esbater o aspecto e personalidade da que o usava; mas, ao mesmo tempo, a letra encarnada arrancava-a a essa indistinção crepuscular, e revelava-a sob o aspecto moral da iluminação que produzia. Seu rosto, há tanto tempo familiar aos citadinos, mostrava a quietude marmórea que estavam habituados a ver nêle. Era como uma máscara, ou, antes, como a fria serenidade das feições de uma morta; e devia essa triste semelhança ao facto de se encontrar Hester realmente morta, para qualquer direito a simpatia, e já ter saído do mundo a que ainda parecia pertencer.

Porventura, neste dia, assomava àquele rosto uma expressão que nunca nêle se vira, expressão que, em verdade, não era assaz vívida para que desde logo se pudesse notar: a não ser que algum observador de dotes sobrenaturais lhe tivesse primeiro lido o coração, indo depois procurar mudança correspondente na face e no gesto. Só um sol observador espiritual poderia pressentir que, depois de ter sustentado o olhar da multidão durante sete tristes anos como uma necessidade, uma penitência, uma cousa que era solene dever religioso suportar, essa mulher agora, por esta última vez, o afrontava livre e volunàtriamente, para converter o que tanto tempo fôra angústia numa espêcie de triunfo. — Olhai pela última vez para a letra encarnada e para a portadora dela! — poderia dizer-lhes a vítima, a escrava do povo por tôda a vida, como supunham que seria. — Esperai um pouco, e ela estará fora do vosso alcance! Mais umas horas, poucas, e o mar profundo e misterioso terá apagado e escondido para sempre o símbolo que fizestes arder sôbre seu peito! — Mas não fôra incoerência por demais improvável, para que se atribuisse à natureza humana, supor que neste momento houvesse no espírito de Hester um sentimento de saüdade, no próprio momento em que ia libertar-se daquela dor que tão profundamente se havia incorporado em seu ser.

¿Não haveria nela um desejo irresistível de beber um último, longo, ininterrupto golo da taça de amargura de que h aviam recebido sabor quási todos os seus anos de mulher? O vinho da vida, que d'ora-avante levaria aos lábios, seria em verdade rico, delicioso e animador, em sua taça de ouro lavrado; ou então deixaria um langor cansado e inevitável, depois das amargas fezes que até ali a haviam excitado, como cordial de fôrça intensissima.

Pearl estava revestida de alegria aérea. Seria impossível adivinhar que esta luminosa e radiante aparição devia a existência àquela forma de cinzento triste; ou que uma fantasia, ao mesmo tempo tão rica e tão delicada como a que fôra precisa para imaginar o trajo da criança, era a mesma que tinha efectuado uma tarefa talvez mais difícil, quando dera tão particular aspecto às vestes simples de Hester. Tão certo o vestido estava para a pequenina Pearl, que parecia um efluvio, ou manifestação exterior e inevitável de sua natureza, tão impossível de separar dela como da asa de uma borboleta o seu brilho multicor, ou da pétala de uma flor primorosa a viveza da sua pintura. O que se dá nestas se dava na criança: o seu trajo e a sua natureza eram partes de uma mesma idea. Neste dia importante, havia também na sua disposição de ânimo certo desassossêgo, uma excitação singular, que lembrava, mais que outra cousa, o luzir de um diamante que scintila e fulgura com o inquieto arfar do peito que adorna. As crianças sentem sempre as agitações dos que lhes estão ligados: sobretudo, sentem sempre qualquer perturbação ou revolução iminente, seja de que espêcie fôr, nas circunstâncias domésticas; por isso Pearl, que era a jóia que adornava o peito inquieto da mãe, traía, na própria dança da sua animação, as emoções que ninguém poderia ler na passividade marmórea da fronte de Hester.

Esta efervescência fazia-a antes deslizar com um movimento de ave que própriamente andar ao lado da mãe. Rompia continuadamente em gritos de uma música estranha, inarticulada, por vezes agudíssima. Quando chegaram à praça, ainda mais irrequieta ficou, ao notar o movimento e a confusão que imprimiam vida àquele lugar, pois que ordinàriamente mais parecia o espaço verde, largo e solitário, que se estendia defronte de uma Assembléa de aldeia, que o centro de negócios de uma cidade.

— Então que é isto, mãe? — exclamou ela. — Porque é que tôda a gente deixou hoje o trabalho? É dia de recreio para todos? Olha, o ferreiro! ¡Já lavou a cara e vestiu o fato de domingo, e parece que gostava de estar alegre, se alguém lho ensinasse! Olha, e ali está mestre Brackett, o carcereiro, a fazer-me sinais e a sorrir-se para mim. Ó mãe, porque é que êle faz isso?

— Está-se a lembrar de ti, de quando eras pequenina — respondeu Hester.

— Mas eu não gosto de que êle me faça sinais nem de que se sorria para mim: é tão velho, tão negro, tão feio e tem tão má cara! — disse Pearl. — A ti pode êle fazer sinais, se quiser: porque tu estás vestida de cinzento e trazes a letra encarnada. Mas olha mãe ¡quantas caras de gente estranha, e índios também, e marinheiros! Que veem êles fazer aqui todos à praça?

— Estão à espera de passar o cortejo — disse Hester. — Porque vai passar o Governador e os juizes, e os padres, e tôda a gente grande e a gente boa, com a música e os soldados a marchar adiante dêles.

— E o padre também irá? — perguntou Pearl. — ¿E também me vai estender as duas mãos, como quando tu me levaste a êle de ao pé do regato?

— Também há de ir, filha — respondeu a mãe; — mas hoje não falará contigo, nem tu lhe deves falar.

— Que homem tão triste e tão esquisito que êle é! — disse a criança, como se em parte falasse consigo mesma. — Na escuridão da noite chama-nos para si, e pega na tua mão e na minha, como quando estivemos com êle ali em cima do cadafalso! E lá no fundo da floresta, onde só as velhas árvores podem ouvir, e só uma nesgazinha de céu pode ver, fala contigo, sentado em cima de um monte de musgo! E dá-me um beijo na testa, que o regatinho mal o poderia lavar! Mas aqui, de dia, e ao sol, e ao pé de tôda a gente, já nos não conhece; nem nós o devemos conhecer! Que homem tão triste e tão esquisito que êle é, com a mão sempre em cima do coração!

— Cala, Pearl! Tu não compreendes essas cousas — disse a mãe. — Não penses agora no padre, mas olha à roda de ti, e repara como tôda a gente está hoje de cara alegre. Vieram as crianças dos colégios, e as pessoas crescidas das oficinas e dos campos, com o fim de estarem alegres. Porque, hoje, outro homem vai começar a governá-los; e por isso — assim tem sido costume desde que uma primeira nação se juntou — estão contentes e alegres; como se o pobre velho mundo fôsse conhecer, finalmente, um ano bom e de áurea felicidade.

Era como dizia Hester, tão desusada alegria iluminava as caras do povo. Nesta festiva estação do ano — como já o era, e continuou a ser durante perto de dois séculos — concentravam os puritanos tôda a dose de alegria e regozijo público que julgavam permissível à condição humana, a tal ponto afastando a nuvem costumada, que, neste espaço de um só dia de festa, quási não pareciam mais graves que a maioria dos outros povos em ocasião de calamidade pública.

Talvez, porêm, exageremos a côr negra ou sombria que sem dúvida caracterizava a índole e maneiras da época. As pessoas que neste dia se encontravam na praça de Boston não tinham nascido herdeiras da tristeza puritana. Eram inglêses de nascimento, cujos pais tinham vivido na alegre opulência do período isabeliano; época em que a vida da Inglaterra, vista em globo, parece ter sido tão luxuosa, magnífica e alegre como nunca se viu neste mundo. Se houvessem obedecido às suas inclinações hereditárias, os colonos da Nova Inglaterra teriam celebrado todos os acontecimentos de pública importância com fogueiras, banquetes, cortejos e procissões. Nem seria impraticável, na observância de cerimónias majestosas, combinar a alegria com a solenidade e, por assim dizer, pôr um bordado curioso e brilhante no grande manto de estado que uma nação veste nessas ocasiões. Dir-se-ia haver uma tentativa desta natureza no modo de celebrar o dia em que começava o ano politico da colónia.

(Continua.)

PASSATEMPO

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do n.º 24)

M	I	L	■	■	■	■
I	V	O	■	■	■	■
L	O	R	P	A	■	■
■	■	P	A	Z	■	■
■	■	A	Z	O	T	E
■	■	■	■	T	I	C
■	■	■	■	E	C	O

▪ ▪ ▪

TERMOS MAL ESCOLHIDOS

—Oh, doutor! Custa-me bastante fazê-lo vir assim tão longe e numa noite tão má!

—Ah! não tem dúvida. Tenho justamente um outro doente aqui perto e por isso, de uma cajadada mato logo dois coelhos.

▪ ▪ ▪

AS OITO CARTAS

(Solução)

▪ ▪ ▪

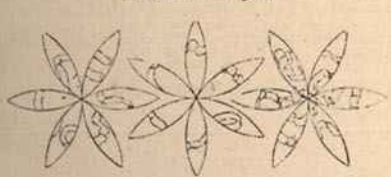
Êle:—A Júlia é a rapariga menos interessante que eu conheço, a pesar de ser rica. Não sabe dizer mais nada senão *sim* e *não*.

Ela:—E qual foi que ela lhe disse?

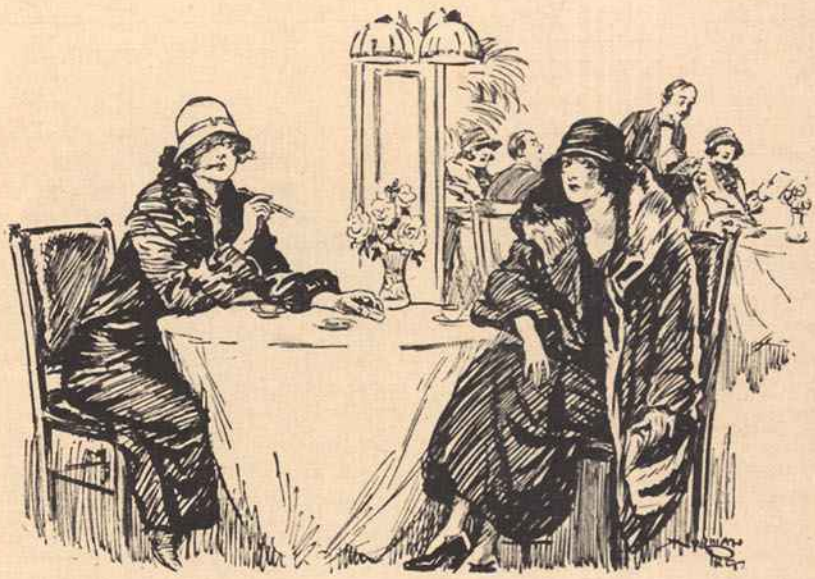
▪ ▪ ▪

A FITA

(Passatempo)



Recortem estas três estrêlas, descubram a maneira de as colocar umas sôbre as outras de forma que a fita que nelas se vê aos bocados, apareça depois sem solução de continuidade.



Fernanda: — Não faço idea nenhuma da surprêsa que meu marido me dará pelo Natal.
Antonieta: — O quê! Então ainda não decidiste o que há de ser?

FALTA DE TEMPO

—Em que estado tu estás meu filho! O que foi que te aconteceu?—preguntou a mãe do Joãosinho.

—Caí em cima da lama, mamã! —respondeu o pequenito.

—Em cima da lama! E com o teu casaco novo, demais a mais!—tornou a mãe, ralhando.

—A mamã bem vê que não tive tempo de o tirar!

▪ ▪ ▪

O professor distraído: —Ora deixe-me ver, o senhor não é o sr. Oliveira?

Estudante, brincalhão:—Não senhor; sou irmão gêmeo do Oliveira.

O professor:—Ah! sim; então como é o seu apelido?

▪ ▪ ▪

—Olá, como vais tu? Há quanto tempo não nos vemos! Então como te dás com a tua vida de casado?

—Sai-me alguma cousa caro. A modista de minha mulher leva-me a metade do ordenado. Se eu o soubesse!...

—Terias ficado solteiro?

—Não, não; teria casado com a modista.

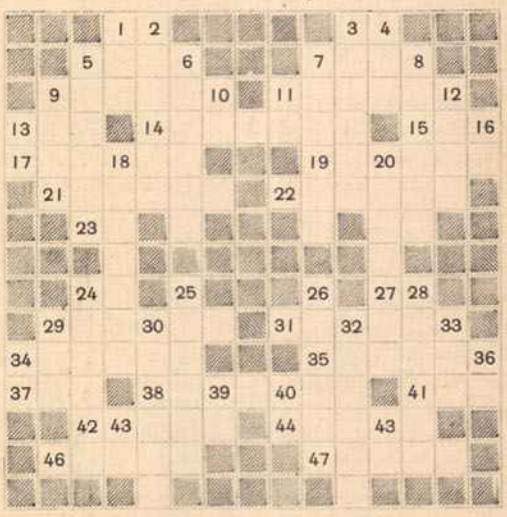
▪ ▪ ▪

Um despreocupado:

—Não minha amiga, eu não sou dêsses imbecis, supersticiosos, que acreditam na fatalidade do número 13... tanto mais que a mim o 19 é que me traz agoiro.

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)



Horizontalmente

1 Duas letras de Gisela. — 3 Artigo. — 5 Vê com atenção. — 7 Fileiras. — 9 Fruta. — 11 Nome feminino. — 13 Modificação dos raios da luz. — 14 Estarás em oração. — 15 Altar. — 17 Útil para a fabricação de objectos artísticos. — 19 Estavamos alegres. — 21 Habitante dos arredores de Lisboa. — 22 Nas prisões. — 23 Na ratoeira. — 24 Palavra inglesa. — 27 Artigo árabe. — 29 Personagem dum conhecido romance francês. — 31 Apelido. — 34 Momentos arriscados. — 35 Cantigas. — 37 Sinal de velhice. — 38 Na Ásia. — 41 Chefe de um estado. — 42 Espécie de diadema. — Reinou na Atica. — 46 Fios torcidos. — 47 Amar com extremo.

Verticalmente.

1 Bebida inglesa. — 2 Tesouro. — 3 Praça forte Gaulesa. — 4 Indispensável na comida. — 5 Fazem os carneiros. — 6 Enfraquecimento geral. — 7 Prende. — 8 Habitante de um país da China. — 9 Serpentes. — 10 Artigo. — 11 Aparência. — 12 Argolas. — 13 Duas consoantes. — 16 Artigo. — 18 Instrumentos. — 20 Venerada. — 24 Vinho apreciado. — 25 Nitidez. — 26 Senhora e ama. — 28 O que fazem os cães. 29 Pedra sagrada. — 30 Salário — 32 Em Africa. — 33 Vai para fora. — 34 Duas consoantes. — 36 Nota de música. — 39 Cruel. — 40 Pronome. — 43 Andar. — 45 Pronome italiano.

BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

SECÇÃO FRANCESA

LITERATURA

ROMANCES, CONTOS E NOVELAS

AUBARÈDE (GABRIEL D') — *L'Ingrat*. 12 fr.
BERY (GENEVIÈVE) — *La Rose aux bois*. 10 fr.
CHIVAS-BARON (CL.) — *Confidences de Métisse*. 12 fr.
DAUDET (LÉON) — *Le Sang de la nuit*. 12 fr.
LA MAZIÈRE (PIERRE) — *Partant pour la Syrie*. 9 fr.
LAMBLIN (HENRI) — *Voix et visages illusoires*. 10 fr.
LAUWICK (HERVÉ) — *Le monsieur qui suit une femme*. 12 fr.
LENORMAND (H.-R.) — *A l'écart*. 12 fr.
MICHEL (JEAN-SIMON) — *L'héroïque petite madame Arnauld*. 12 fr.
MICHEL (JEAN-SIMON) — *La Tache Noire*. 12 fr.
PASQUIER (ALEX) — *La Conquête*. 12 fr.
RIBEMONT-DESSAIGNES (G.) — *Clara des jours*. 14 fr.
SÉGUR (NICOLAS) — *Platon cherche l'amour*. 12 fr.

VIAGENS

MAURRAS (CHARLES) — *Anthinea. D'Athènes à Florence*. 12 fr.

POESIA

ELUARD (PAUL) — *Les Dessous d'une vie, ou La Pyramide humaine*. 12 fr.
PELISSIER (JEANNE) — *Goutte d'eau*. 9 fr.
VITRAC (ROGER) — *Cruautés de la nuit*. 12 fr.

TEATRO

DELPEUCH — *Le Cinéma*. 10 fr.
ROMAINS (JULES) — *Le Dictateur. Demétrios*. 10 fr. 50.
SARMENT (JEAN) — *Théâtre complet*. T. VI: *Les plus beaux yeux du monde*. 10 fr.

CRÍTICA

CHOISY (L.-F.) — *Oscar Wilde*. 12 fr.
PORCHE (FRANÇOIS) — *La Vie douloureuse de Baudelaire*. 15 fr.

LITERATURAS ESTRANGEIRAS

ESPANHOLA

ENRIQUETA (MARIA) — *Le Secret*. 9 fr.

INGLESA

KIPLING (RUDYARD) — *Histoires comme ça*.

RUSSA

TOURGUENEFF (IVAN) — *Les Récits d'un chasseur*. 7 fr.

HISTÓRIA

FROSS (MARCEL) — *La Santé et le Travail des femmes pendant la guerre*. 20 fr.
TALMEYR (MAURICE) — *Souvenirs d'avant le déluge 1870-1914*. 12 fr.

BELAS-ARTES

BERENSON (B.) — *Les Peintres italiens de la Renaissance*. 4 vol. 85 fr.
BINYON (LAURENCE) — *Les peintures chinoises dans les collections d'Angleterre*. Br. 400 fr.; cart. 460 fr.

FILOSOFIA

WAHL (JEAN) — *Étude sur le parménide de Platon*. 20 fr.

MEDICINA

CARTON — *Les lois de vie saine*. 14 fr.
NOEL (D.-A.) — *La chirurgie esthétique, son rôle social*. 12 fr.

LITERATURA INFANTIL

CHERUBINI (E.) — *Pinokio en Afrique*. 12 fr.
HOUVILLE (GERARD D') — *Profr. tte et Cocbonnet*. 6 fr.
JEAJEAN (MARCEL) — *Nouvelles aventures de Fricassin*. 28 fr.

SECÇÃO INGLESA

LITERATURA

ROMANCES, CONTOS E NOVELAS

ADAIR (CECIL) — *The silence of the hills*.
ALLAN (LUKE) — *The Pace*.
BENSON (STELLA) — *Goodbye Stranger*.
BLAKER (RICHARD) — *Enter a messenger*.
CLEAVER (HYLTON) — *One man's Job*.
DEANE (PETER) — *Harvest*.
DELAND (MARGARET) — *The Kays*.
GRANT (ROBERT) — *Vanneck*.
HALDANE (CHARLOTTE) — *Man's World*.
HASTINGS (PETER) — *S. P. Q. R.*
KEYTE (J. C.) — *A daughter of cathay*.
KNEVELS (GERTRUDE) — *By Candlelight*.
LANE (TEMPLE) — *Second Sight*.
LINCOLN (JOSEPH C.) — *The Big Mogul*.
LORIMER (NORMA) — *The yoke of affection*.
MOBERLY (L. G.) — *Who was she?* 8 s. 6 d. n.
MOORHOUSE (HOPKINS) — *The golden Scarab*.
MORRIS KENNETH) — *The Secret Mountain* and other tales. 12 s. 6 d. n.
MULFORD (CLARENCE E.) — *The bar 20 rides again*.
PACKARD (FRANK L.) — *The red Ledger*.
PULLING (J. K.) — *Forrester's*.
ROBBINS (TOD) — *Who wants a green bottle?*
RODDA (CHARLES) — *The Scarlet mask*.
SILBERRAD (UNA L.) — *Blackstones*.
SMALL (AUSTIN J.) — *Master Vorst*.
SPANNER (E. F.) — *The Navitors*.
STUART (P. A.) — *An African Attila*.
TURNBULL (MARGARET) — *Madame Judas*.
TURNER (JOHN HASTINGS) — *The Infatuation of Peter*.
UPHILL (THOMAS) — *Strang heritage*.
VERA (COUNTESS CATHCART) — *It came to pass*.
WALSH (GOODWIN) — *The voice of the murderer*.
WEBBER (F. SIDNEY) — *Baltic Mystery*.
WHITE (STEWART EDWARD) — *Secret Harbour*.
WHITE (WALTER) — *Flit, ht*.
WILDER (THORNTON NIVEN) — *The Cabala*.
WILLIAMSON (THAMES) — *The man who cannot die*. $2.50 c. n.

Nota — As obras que, de per si, não levam o prêço indicado, são tôdas vendidas ao preço de 7 s. 6 d. n.

LITERATURA INFANTIL

ASKWORTH (J. H.) — *When you and I were boys*. 6 s. n.
GALE (ETHEL MAY) — *Tales from the enchanted isles*. 8 s. 6 d. n.
HOLLAND (RUPERT SARGENT) — *The Rider in the Green Mask* 7 s. n.
NUSBAUM (AILEEN) — *The seven cities of Cibola*. 7 s. 6 d. n.
WEBB (MARION ST. JOHN) — *The magic lamplighter*. 7 s. 6 d. n.

Quási todos êstes volumes são ilustrados

* * *

GEORGES COURTELINE

Principe da graça francesa, autor de inúmeras comédias e vaudevilles representados, com enorme êxito, em tôdas as scenas do mundo, sem excepção das nossas, — acaba de ser eleito membro da Academia Goncourt. Não deixa de ser curioso lembrar que o autor festejado de Boubouroche, Messieurs les Ronds-de-Cuir *e* Train de 8 h. 47, *para só citar tres das suas peças mais conhecidas, vai preencher precisamente a vaga aberta — ó ironia do destino! — pela morte de Gustave Geffroy, um dos mais teimosos opositores da sua entrada naquela instituição, doutras vezes que a sua candidatura fôra também lançada. Essa guerra, em que Geffroy teve como principal aliado Élémir Bourges, partia do desdém que ambos votavam ao género de produção que Courteline quási exclusivamente tem cultivado: o teatro satírico, popular. Todavia, notável já pelo seu grande acento de vida, o conjunto dessa obra impõe-se também por outra qualidade, que os membros da Academia tiveram agora, para a sua eleição, em decisiva conta: o esmêro, o respeito com que Courteline tem sempre, através das suas peças, trabalhado a língua francesa.*

* * *

«VIDA NACIONAL» E OUTRAS REVISTAS

O tomo da *Vida Nacional*, que abrange os n.os 2 e 3 da excelente revista editada em Barcelona, não veio senão confirmar a impressão inteiramente favorável que nos incutira o seu caderno incial. Como dissémos então, neste mesmo local, uma das características desta publicação mais gratas ao espírito português é a grande parte que as suas páginas é reservada aos problemas ibéricos. Sem a mínima ofensa dos respectivos interesses privativos das duas nações peninsulares, aqueles assuntos em que ambos têm de actuar conjuntamente, numa colaboração inteligente e amistosa, são explanados e criticados ali com saber e argúcia. Desde a nota de actualidade ao artigo doutrinário sôbre política internacional, desde a literatura ás artes e sciências, passando por tôda a gama de assuntos, esta revista adquiriu jus não só a que nós, portugueses, a consideremos, moralmente, coisa um tanto nossa, como a ser considerada, por todos, como um alto padrão da cultura e das letras da nação vizinha.

Também de Espanha nos é enviada outra revista, muito bem apresentada, que vem a lume em Sevilha e se intitula *Mediodia*. De caracter acentuadamente literário, insere prosa e verso de bons autores andaluzes, assim como o eruditos artigos sôbre a história local.

Revistas alemãs, estamos recebendo, por intermédio do sr. C. Feiling (Rua Nova do Almada, 9, Lisboa), seu representante no nosso país, as seguintes: *Scherl's*, magazine, cujas secções são modelares, apresentando gravuras duma admirável nitidez; *Die Woche*, de maior formato e, embora com menor número de páginas, não menos interessante na matéria que contém, sendo para salientar os seus artigos ilustrados a côres; e, por último, a *Revista d'Exportação e d'Importação*, de caracter utilitário, que pode ser um bom auxiliar dos nossos comerciantes e industriais, tanto mais que a edição presente traz o texto escrito na nossa língua.

* * *

INFORMAÇÕES E CURIOSIDADES

O Prémio «Femina» dêste ano foi concedido ao romancista Charles Silvestre, pela sua obra *Prodige du Cœur*, que já merecera os encómios da crítica.

O Prémio Goncourt, alcançou-o Henry Deberly mediante o firme valor literário do seu romance *Supplice de Phèdre*.

No fim de contas, aquele caso do misterioso desaparecimento da novelista inglesa Miss Christie, tão falado ha pouco nos jornais, resume-se num habilidoso *truc* de publicidade: o que aquela escritora quis, tendo-o por completo conseguido, foi fazer ruído em volta da sua pessoa e, conseqüentemente, das suas novelas policiais.

As penas femininas estão marcando uma situação dominante nas letras americanas. Disso é exemplo Elisabeth Madox Roberts, cujo romance *The Time of Man* se aponta como o melhor dos publicados ali nesta estação outonal.

Nada menos de duzentas cartas de amor, cartas dos seus vinte anos, dirigidas pelo poeta a uma das suas muitas admiradoras, é a obra nova de Gabriel d'Annunzio que uma livraria de Milão se propõe editar brevemente.

Parece, todavia, que não correm muito fagueiros os ventos á glória do vate italiano. O seu recente volume de discursos *Il Libro Ascetico Della Giovane Italia* sofreu duros ataques pela validade de que estão cheias as suas páginas. Também a sua obra, em conjunto, foi sujeita a uma análise nada benigna no trabalho de Francesco Flora, intitulado *D'Annunzio*.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações ás consultas bibliográficas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo êstes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS	Escudos 22$00	Escudos 44$00	Escudos 88$00
ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL	» 25$00	» 50$00	» 100$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR	» 27$00	» 54$00	» 108$00
ESPANHA	» 24$00	» 48$00	» 96$00
ESTRANGEIRO	» 32$00	» 64$00	» 128$00

BERTRAND IRMÃOS, LDA

+ GRANDES + ATELIERS +
+ DE + GRAVURA +

T. DA CONDESSA DO RIO 27 LISBOA

GRANDE EXITO

MAGAZINE

BERTRAND

LEITURA PARA TODOS

2.ª Série
1.º Ano – N.º 1
BRASIL
Rs. 3$000

1927
Janeiro
PORTUGAL
Esc. 5$00

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

NÃO CHEGOU A PRIMEIRA TIRAGEM PARA SATISFAZER TODOS OS PEDIDOS